

PLANETA
FÊMIEA



*Uma publicação da
Coalizão de Mulheres Brasileiras*

*Organizada por:
Rosiska Darcy de Oliveira
Thais Corral*

Apoio:

Centro Informação Mulher

International Women's
Health Coalition

Global Fund for Women

Mac Arthur Foundation

Women's Programme /
Dutch Ministry of Foreign Affairs

Grupos e organizações
de mulheres de todo Brasil
colaboraram para viabilizar
o Planeta Fêmea

Comissão Organizadora do
Planeta Fêmea:

Rosiska Darcy de Oliveira
(IDAC / coordenadora da
Coalizão de Mulheres
Brasileiras)

Thais Corral (REDEH)

María Aparecida Schumacher
(REDEH / COMULHER)

Sônia Alves Calió (CIM)

Sônia Corrêa (SOS - CORPO)



Índice Geral



- 5** *Memórias do Planeta Fêmea*
Rosiska Darcy de Oliveira
- 15** *De Miami ao Rio de Janeiro*
Thais Corral
- 23** *A Ordem da Vida*
Maria de Lourdes Pintasilgo
Antoinette Fouque
Carolyn Merchant
Shirley MacLaine
Corinne Kumar D'Souza
- 45** *Uma Civilização em Crise*
Vozes de Mulheres do Sul e do Norte
- 57** *Os Povos e a sua Terra*
Betsy Hartmann
Vandana Shiva
Gita Sen
Elza Berquó
- 107** *Tratados e Declarações*
Tratado das ONGs sobre População, Meio Ambiente e Desenvolvimento
Tratado das ONGs sobre Consumo e Estilo de Vida
Tratado das ONGs de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global
Declaração das Mulheres no Fórum Global
Pacto Global das Mulheres pelas ONGs buscando um Planeta Justo e Saudável

Há quem explique a origem da Terra por conta de uma gigantesca explosão, um big bang, catástrofe criativa, que refez a desordem do Cosmos. Ao que tudo indica, planetas nascem de sustos. Do susto de se depararem com uma "Cúpula da Terra" as mulheres criaram um planeta. Planeta Fêmea.

A banalidade do cotidiano, o fio emaranhado dos dias não encobrem o destino privilegiado de uma geração. Foram precisos mil anos para que, no confronto com o Tempo, nos déssemos conta desse tempo que é o nosso, do nosso estranho destino *fin de siècle*. Pior - ou melhor - fim de milênio. Essa, a parte que nos coube, a sorte que nos cabe, cabe a nós preparar o Réveillon do ano 2000. Viver esse misto de angústia pelo passado, de perplexidade face ao presente, obstinado namoro com o Futuro. E responsabilidade, por alguma possível alegria.

Coube ao Rio de Janeiro acolher uma romaria de gente de poder, mas também de despossuídos, que ocorreram aqui a pretexto do que se chamou "Cúpula da Terra", conferência de aflições planetárias. O milênio vai terminando assim, nas costas da baía de Guanabara, e na areia veio dar a constatação de um imenso fracasso, não de um regime, não de uma sociedade qualquer, mas de um projeto de civilização. Fracasso sensível no desequilíbrio da terra, na disritmia das estações, na poeira do vento que contamina, na desolação das florestas amputadas, na deriva dos Pólos. Sofrido no desencontro das gentes, na solidão dos continentes esquecidos, na humilhação de seres humanos descartáveis, na impli-



Memórias do Planeta Fêmea

*Rosiska Darcy de
Oliveira*



idade do Mercado, no silêncio do Sentido. Palpável no descaminho da vida, na esterilização forçada dos ventres das mulheres, no delírio da Ciência, no exílio da Ética.

Mas para festejar o novo milênio, a História preparou novas encruzilhadas. Vindas do mundo inteiro, atravessando aos trancos e barrancos os territórios do masculino, as mulheres foram aos poucos chegando aos lugares proibidos do Saber e do Poder, introduzindo a desordem criativa na Ordem do Fracasso. De volta do exílio em que nasceram, dispunham-se a reescrever a história humana da Natureza, recusando a autoria de uma cultura que construiu-se em oposição a ela, orgulhosa da predação da Vida, uma cultura pensada e gerida por um único sexo. A essa ordem que fracassou, as mulheres opunham a Ordem da Vida.

A contemporaneidade com os fatos históricos banaliza o seu porte. Uma tenda verde e branca plantada no Aterro do Flamengo, "a maior de todas" as do Fórum Global, não evocava nada mais do que um teto modesto contra um sol escaldante, insólito no mês de junho, como a reforçar a evidência dos surtos da Natureza desequilibrada. As camisetas do Planeta Fêmea falavam de mel e maravilha, mundo e mar e certamente de mulher. Nada heróico, nada grandiloquente. Sem palavras de ordem ou talvez algumas disfarçadas. *To make a difference* propunham as americanas e nós respondíamos que sim, cantando que "quem traz no corpo essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida". A vida foi talvez a palavra mais dita.

E veio a madrugada do primeiro

dia e, em vigília noite adentro, celebramos a esperança, num ritual multirracial, multissexos, multireligiosos, multissãos. Ato de protesto contra o estado do mundo, mas celebração da esperança, *quand-même*. Trazemos no corpo essa marca, Nada mais que uma festa, e a contemporaneidade que banaliza tudo. Mas o toque de alvorada tocado pela corneteira da polícia paulista que nunca vira o mar e vagava em êxtase na areia, essa imagem ficará. "Porque as coisas finas, muito mais que lindas, essas ficarão."

Panorama visto do alto das pedras do Leme: o mar colaborando nessa noite com um ritmo especialmente doce, idas e vindas na franja da areia iluminada por velas e refletores de televisão. O mais belo salão do Rio se abria a seus convidados, mesa posta sobre a areia, em ceia de frutas e risos. Evocação de deuses múltiplos, alguns brasileiros (Iemanjá foi bem servida), e o maracatu levando a todos, "seguindo os caminhos da beira do mar". Amanheceu e acabou, deixando a melancolia de um dia como outro qualquer. A algumas horas dali abriam-se os debates no Planeta Fêmea.

Um obstáculo epistemológico

A interrogação sobre como pensamos o mundo, os condicionamentos que são os nossos, atravessaram os debates como uma lâmina de fundo. Como um deslocamento de ponto de vista que muda a luminosidade sobre as imagens, que muda os contornos do objeto e revela outros, ocultados, esse des-



locamento longe de criar insegurança constitui-se numa espécie de certeza de estar-se abrindo caminhos.

A originalidade da participação das mulheres nos debates sobre a civilização foi exatamente a afirmação de que, na medida em que todo conhecimento é socialmente construído, a inclusão ou a exclusão das mulheres desse processo de construção não é sem consequências nos resultados obtidos. É a realidade de social que define o que é ou não é conhecimento, e não o contrário. "Na construção do conhecimento, o modo de fazê-lo foi definido, de fato, pela voz do Masculino e silêncio do Feminino. O edifício do conhecimento assim erguido tem várias rachaduras pois o que veio a ser conhecido como universal e objetivo foi construído historicamente com parâmetros masculinos e subjetivos. Como na construção do conhecimento eurocêntrico, o Ocidente veio a ser a norma e o 'universal', excluindo outras civilizações, outras culturas, na sua dimensão androcêntrica o masculino se tornou a norma, a mentalidade masculina excluiu o feminino e gerou um conhecimento, uma sabedoria, na qual as vidas e experiências das mulheres estiveram invisíveis." "A ciência moderna, fraciona, isola, aparta as idéias dos sentimentos, encaminha para o 'objetivo', longe do fogo dos sentimentos. Requer a supressão das emoções. É preciso que assim seja, pois não há categorias exatas que possam conter experiências pessoais. Não há fórmulas matemáticas para medir emoções, não há lugar numa ciência obcecada pela objetividade para explicar o subjetivo." Co-

rinne, como contraponto a essa ciência que deixa os resíduos tóxicos de que fala Pintasilgo, sugere a "insurreição dos conhecimentos submersos", allmentando-a com a complexidade do sujeito.

O sujeito do mundo que foi até então o masculino, tomado como universal, se descobre hoje seccionado de sua própria complexidade, errante em busca de sua outra metade. Complexidade também no objeto que a Ecologia, como ótica, revela como intrincado tecido de relações, objeto que nunca é apenas o seu próprio recorte, mas ponto de ouro, fluido e momentâneo, atraindo o olhar daquele momento. Objeto a descobrir-se em leituras várias, tanto mais falsas quanto mais segmentadas, tanto mais equívocas quanto seguras de si mesmas.

A emergência desse sujeito Feminino, autor de ciência, leitor de realidades e portanto inventor delas, pressupõe a democratização da sociedade. Essa democratização implica, para além e graças aos direitos reivindicados e adquiridos pelas lutas do movimento feminista, uma mudança profunda nas estruturas de pensamento do social.

"Os progressos da ciência são também, paradoxalmente, os da nossa ignorância. Assim como a vela acesa na catedral não pretende iluminá-la mas dar a ver a amplitude das trevas, assim como o halo que cerca a chama não faz senão revelar os humildes limites de sua luz, assim também a ciência, nos seus progressos, não faz senão clarear a imensa extensão do que não conhecemos.

O século XX chega ao fim, confrontando-nos a uma constatação



perturbadora: o pensamento tem sido até hoje uma atividade dos homens. A versão do mundo que a ciência nos propôs como origem, percurso e destino de todos nós foi, na verdade, a de um sexo, de apenas um dos sexos, que, até agora, pensou o mundo e a cultura em nome dos homens e das mulheres. Esta mutilação é ponto cego da civilização. Excluídas as mulheres, o pensamento se transformou no produto de uma humanidade lobotomizada.

O espesso *cahier de doléances*, compilado pelo movimento de mulheres, ao longo do século, em reação contra essa exclusão, exigiu uma imensa energia. A reivindicação de igualdade com os homens foi sendo, aos poucos, por toda parte, em diferentes níveis, reconhecida como legítima e codificada tanto em convenções internacionais quanto na ordem legal dos países democráticos.

Durante os últimos trinta anos, as mulheres fizeram maciçamente a travessia dos territórios do masculino. Ocuparam os lugares do Saber, do Poder e da Criação no momento agônico do pensamento humanista. O Poder, longe da sabedoria, se esvaziou do seu conteúdo político e se submeteu ao Econômico; a Ciência se submeteu à técnica como destino imediato, reiterando, por caminhos tortuosos, o primado do Econômico. A Arte, descrente de si mesma, perdeu seu valor de anúncio, instalando-se melancolicamente no conformismo descritivo. Este momento de esgotamento das promessas do humanismo abre a possibilidade e a necessidade de uma revolução epistemológica que inclua, na idéia

mesma do humano, homens e mulheres.

A irracionalidade da ciência não se manifesta unicamente na miopia dos seus métodos mas também, e sobretudo, na perda de controle sobre seus fins. Cada vez mais estreitos, os laços entre a ciência e técnica transformaram os dados da relação ciência-sociedade. Se, no ponto de partida, a técnica era o campo de experimentação da ciência, que dela se servia para testar seus postulados, hoje essa relação se inverteu. A técnica tornou-se senhora da ciência e a utiliza em função de sua finalidade de manipulação. A tradição da ciência enquanto patrimônio humano, transformável em consciência de si, da Natureza e do Cosmos, se perdeu na opacidade da tecnoburocracia e transformou a aventura do pensamento em uma máquina louca, descontrolada, que se move por si ao mesmo tempo em que as disciplinas científicas abdicam, pouco a pouco, da idéia mesma de Homem. A Biologia, por exemplo, esvazia a idéia da Vida em favor das moléculas e dos genes. Desintegrado, o ser humano não é mais objeto das questões que, ao longo da história do conhecimento, nos confrontavam como desafio: Quem somos nós? Qual o nosso lugar na Natureza? No Universo?

Urge reconstruir a idéia de ser humano para além dos fragmentos que a ciência moderna estuda e esta urgência é fortemente sentida pelas mulheres. As plataformas políticas do Movimento de Mulheres e do Movimento Ecologista traduzem uma raiz comum que pode ser sintetizada em uma desconfiança crescente face à ciência todo-po-



derosa, desconfiança que se nutre de uma reflexão ética entendida como questionamento das finalidades que a ciência e a técnica propõem ao conjunto da humanidade.

A voz feminina passou da ambição modesta de ser ouvida no espaço público a uma outra, bem mais subversiva, a de formular um outro projeto civilizatório. A emergência do Feminino como lugar de onde pensar e agir no mundo é, não apenas um sintoma do nosso tempo, como também, e principalmente, o desejo consciente de mulheres que nele depositam sua contribuição ao futuro."

As mulheres reunidas no Planeta Fêmea não estavam ali para se apresentarem como vítimas de um exílio histórico. Isso também, mas não só. Estavam ali para dar essa contribuição ao futuro, exigindo direitos e reivindicando responsabilidades. Afirmavam assim a recursividade da História e nela a possibilidade de um renascimento. "De resto, não é difícil ver que a nossa época é um tempo de nascimento e um período de transição. Um tempo para rejuvenescimento cultural e transformação do mundo, de fabricação das relações sociais. Um tempo para começar um movimento para fora dos padrões 'universais', patriarcais, para procurar espaços com um outro frescor, para encontrar novos futuros para o humano. E o movimento de mulheres significa uma dessas possibilidades. Ele tem o potencial de alertar fundamentalmente a natureza de todo o conhecimento e tem a promessa de mudar a qualidade de vida. O Feminismo é para as ciências sociais um deslocamento de paradig-

ma, e para os movimentos sociais uma ruptura. Ele traz para o mundo novos significados, nova esperança." Volta, Corinne.

Volta a palavra esperança. Do fundo da desconfiança que as mulheres votam hoje, não à Ciência como prática - pois que elas a praticam - mas a uma epistemologia tosca que não se interroga a si mesma, do fundo dessa desconfiança as mulheres evocam a esperança de que, recortando os objetos do seu ponto de vista e articulando-os de maneira ecológica, complexa, o tecido social ganhe um novo desenho, e novas cores. O Planeta Fêmea foi antes de mais nada um ponto de vista. E um reservatório de esperança. Talvez isso explique o "alto astral" que a imprensa noticiou. A exaustão do século é tanta que só restava o otimismo. O que poderia ter sido um canto de cisne, fez-se canto de sereias, encantatório, acenando com a tentação do inédito.

A "Agenda 21 das mulheres": uma certa noção da felicidade

Uma primeira constatação, a dos limites. Em tela de juízo a noção de progresso. Nada é mais difícil para nós, todos e todas educadas na idéia da cultura como superação da Natureza, do que aceitar os limites. E, no entanto, a Natureza impõe limites, tem seus *points of no return*. A irreversibilidade é uma consciência dolorosa. Dentro dela fica a questão única, a única verdadeira, como viver, como conviver? Nós todos, nós tantos, cada vez mais, nesse mundo tão miseravelmente limitado? Jacques Cos-



teau, falando no Riocentro, ameaça com o furacão conhecido dos orientais, o Tsunami. E, afirma, esse furacão somos nós mesmos, o flagelo que se prepara é a população mundial. Vandana Shiva responde emocionada, esse furacão é um erro de base, não somos nós todos, mas um estilo de vida, uma certa noção da felicidade, travestida em modelo de desenvolvimento. Modelo de desenvolvimento, expressão corriqueira em três décadas de discussões na ONU, que consagra os excluídos, os que na escala de melhores e piores são os que não sabem, não podem e que nunca poderão, os outros, os do sul, nós. Os descartáveis.

Como viver? Como ser feliz? Um certo critério de humanidade tímido, a se imiscuir nos debates sobre o desenvolvimento. E as mulheres, no meio de tudo isso, palpitando e levantando hipóteses. E se a felicidade não fosse o consumo infinito de bens? E se uma certa humildade, um estar na Natureza com uma certa simplicidade, uma certa e ancestral noção de pertencimento e de cumplicidade mudasse o rumo das coisas, mudasse o destino de todos nós? Destino, de toda maneira, comprometido pela noção de limites, pelo sentimento agudo da desigualdade dentro dos limites que focam a todos? Nós, sobretudo nós, gente do sul, educados na idéia da inferioridade e também da injustiça, na idéia da exclusão, na corrida para empatar com um parceiro que ganha sempre, nós que já entendemos as regras do jogo, subitamente nos perguntamos se esse empate vale a pena. Repercute no Aterro mais uma vez a questão da felicidade. Como pano

de fundo, a mais grave, a mais importante, talvez, das questões discutidas. Somos muitos, seremos demais para os pobres limites da terra. Controlar esse furacão que ameaça destruir tudo com a força cega e predatória de uma população monstruosa, aspirando a comer mas também a vídeos e ar condicionado. Para que os vídeos sobrevivam, para que não faça tanto calor, para que o Norte seja o norte, e o Norte - a verdadeira civilização - seja o mundo, sejamos menos, e aí sim vai dar para todos. Mas as mulheres perguntam: será? E respondem, não.

De envergadura planetária, esse furacão é um problema maior que não dá para contornar, batemos de frente com ele, mulheres do norte e do sul. Para nós tudo isso é especialmente grave. Nas voltas que dão os papéis da ONU, nas voltas que dão as decisões políticas, as estatísticas, o ponto de chegada é um só, infalível. O perfil de uma mulher sem muitos recursos, cansada da vida e carregada de filhos - meu bem, meu mal - se desenha no horizonte. Acusadas de serem as culpadas de tudo, culpadas do furacão, essas mulheres ficam imprensadas entre uma acusação injusta e a ambigüidade de seus próprios desejos. Onde ficam esses desejos? Desejo? Quem defesas não tem, não se defende. Quem as defende?

Havia que assinar um tratado sobre população, gente do norte e do sul. Fio da navalha em que caminhou com passo incerto a idéia, a noção sagrada da liberdade. A liberdade mais grave, a mais fundamental, a mais escatológica de dar ou não dar a vida. Quem se-



não nós, desse lugar definitivo e privilegiado que é o do nosso corpo, leia-se, da nossa vida, para decidir como e quando desdobrá-lo ou não em mais vida? Afirma-se, então, com voz segura, a liberdade de escolha. Mas quem as ajuda a escolher? Escolher em liberdade é escolher entre duas liberdades. E a liberdade se faz com desejos, mas o desejo se faz com conhecimento. E as mulheres pobres? Basta olhar, andar nas ruas pobres dos continentes pobres para saber que elas não sabem ou não podem. Nós, que, supostamente, podemos e sabemos, defendemos esse direito de escolha, pedindo políticas de saúde que horizontalizem o conhecimento, que garantam o que chamamos de opção.

E opusemos as histórias de vida, o incontrolável mistério do desejo, à frieza gélida das estatísticas, aos sábios números que demonstram o impossível, opusemos a eles uma hipótese do possível que não gire em torno do econômico, mas em torno da liberdade no marco da mais impalpável e ancestral fidelidade aos princípios da Ética.

Se a esperança foi o primeiro *leit-motif* do Planeta Fêmea, a Ética foi certamente o segundo. E quando a Ética entra em jogo traz consigo inexoravelmente o sentimento de justiça, ou da injustiça, se tomado pelo avesso. Solidariedade e diversidade, reconhecimento do outro como história coletiva, feita de tudo aquilo que para cada um é mais querido: convicções, identidade, pertencimento e, às vezes, até mesmo fé. A diversidade do humano, única selva de sua conservação, de sua sobrevivência, não é feita apenas de cores, de traços,

da juventude *making love not war*, sobretudo elas assumiram os mais solenes compromissos, mesmo os da deserção, em caso de armas voltadas contra povos injustiçados. Da criação dos filhos, o mais privado dos redutos do Privado, ao lobby parlamentar, o mais público dos corredores do Público, as mulheres prometem uma oposição (quero escapar às metáforas da guerra), uma luta contra o militarismo que transfere seus recursos para o que chamam de maneira intraduzível *life-enforcing programs*. São princípios muito antigos os que se reencenam aqui. E que ganham particular importância quando uma noção equivocada de igualdade entre homens e mulheres já levou à aberração de certas demandas de postos militares também para



elas. Nas frisas romanas, na ancestralidade dessa incompatível relação das mulheres com a guerra, talvez resida uma melhor solução para a igualdade e a cidadania das mulheres do que quatro estrelas no peito e uma vocação de generalato.

Quimera? Memória do refrão infantil recriado por um poeta: "a era da ira tombada na terra que a mão da quimera desfalecera". Quimeras desfalecem iras, pelo menos nas palavras dos poetas. No Planeta Fêmea o desejo de paz foi um refrão tão insistente quanto a vida, repetido em diferentes línguas pelas dez redes internacionais que organizaram o Planeta.

Quimeras? Pastoras de nuvens? Quem sabe? Os poetas voltam ao texto como presença incontorná-

2



vel.
Há quem explique a origem da palavra poesia como o ato de lançar no firmamento imagens como quem cria estrelas. Fazer poesia é, portanto, um ato de criação sideral. Criar Planetas também, mesmo se eles nascem de sustos. Criar planetas, lançar no horizonte visível desejos, fazer existir como possível, já que sonhado, um outro *design* da vida na Terra. A presença das mulheres na Eco-92 teve antes de mais nada uma função poética de invenção sideral. No sentido mais nobre da poesia, o de "manter sempre teso o arco da promessa". Foi por isso mesmo uma função política por excelência, a de recolocar o Sentido na linha do hori-



zonte, linha que recua sempre, mas que nos faz desejar, linha que espelha todo movimento. Espelho do movimento, do nosso, Movimento de Mulheres.

Há quem explique a origem da Terra por uma gigantesca explosão. Há quem explique a origem da palavra poesia como invenção sideral. Não há, que eu saiba, quem explique a origem do desejo, da aspiração ética e da esperança.

Rosiska Darcy de Oliveira, escritora, autora dos livros *Le Féminin Ambigu*, *La Culture des Femmes* e *Elogio da Diferença: o feminino emergente*. Diretora do Projeto Mulher do IDAC. Coordenou a Coalizão de Mulheres Brasileiras na Eco-92 e presidiu a Comissão Organizadora do Planeta Fêmea.

3



A Convocação da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento teve para as mulheres um significado especial. Se por um lado, a temática ecológica representava um tema novo e nos pegava de surpresa, por outro, os próprios motivos que justificavam a realização de uma Conferência Mundial de tais dimensões coincidam com algumas de nossas mais significativas bandeiras de luta: crítica à organização social voltada para o lucro, irracionalidade da guerra e da corrida armamentista, utilização dos recursos naturais em benefício de uma pequena parcela da humanidade.

A primeira articulação internacional significativa em torno da Conferência de Meio Ambiente e Desenvolvimento foi convocada pelo Women's Foreign Policy Council - organização norte-americana coordenada por Bella Abzug e Mim Kelber. Em outubro de 1990, cerca de 40 mulheres ativistas e representantes de organizações feministas e ambientalistas encontraram-se em Nova York, formaram um Comitê de Ação Internacional (IPAC) e decidiram organizar um Congresso Mundial de Mulheres onde seria discutida a Agenda e um Plano de Ação das Mulheres para a Eco-92. A principal função do IPAC foi fazer as conexões entre as articulações das mulheres a nível local nos países e regiões e as instâncias preparatórias internacionais. O IPAC ficou também incumbido da organização junto ao Women's Foreign Policy Council do Congresso Mundial das Mulheres por um Planeta Saudável que se realizou um ano depois, em novembro, na cidade de Miami, na Flórida.



De Miami ao Rio de Janeiro

Thais Corral



No Brasil, como era de se esperar a Eco-92 teve desde o início uma repercussão especial. A Conferência se passava aqui. A sociedade civil sentia-se estimulada a participar do processo e o movimento das mulheres gozava de um espaço a ser ocupado nas articulações junto às ONGs e nos foros internacionais. A forma encontrada para discutir conteúdos e fazer face à representação nos espaços de articulação foi a de uma Coalizão que elegeu como sua representante, Rosiska Darcy de Oliveira. A Coalizão cumpriu muitos papéis: representou as mulheres no Fórum Brasileiro de ONGs, na Reunião Internacional Preparatória das ONGs realizada em Paris, Raízes do Futuro; organizou encontros por todo o Brasil para discutir visões das mulheres em relação ao meio ambiente e, finalmente, à Coalizão coube a organização do Planeta Fêmea.

O Planeta Fêmea foi na verdade a junção de muitos satélites que se atraíram durante o Congresso Mundial das Mulheres por um Planeta Saudável que reuniu em novembro de 1991, como previsto, mais de 500 mulheres de 83 países. Os tópicos da Agenda 21 de Ação das Mulheres, documento aclamado em Miami, forneceram a base da programação do Planeta Fêmea. A discussão dos conteúdos e do plano de ações de cada um dos 11 tópicos da Agenda coube a uma rede internacional. O tópico que abre a Agenda 21, Diversidade e Solidariedade, foi o eixo condutor das atividades da maior tenda do Fórum Global. Ao Rio de Janeiro as mulheres chegaram unidas, congregando seus esforços num único espaço, num único evento. As mulheres estavam juntas no Planeta Fêmea.

No Planeta Fêmea as atividades começaram às 8 horas e só terminavam no apagar das luzes do Fórum Global. Além da programação principal a cargo das redes internacionais, que se encerrava às 17 horas, o espaço era aberto, após esse horário, a toda sorte de manifestações: cantos, danças, vídeos, discussão de tratados e documentos. Nas manhãs, a primeira atividade ficava reservada ao relatório das articulações das mulheres do dia anterior na Conferência Oficial que se realizava do outro lado da cidade, no Riocentro. Essa articulação ficava a cargo do WEDO (Women, Environment and Development Organization)/IPAC.

No Planeta Fêmea circulava uma média de 5 mil pessoas diariamente. O local foi ponto de encontro de muita gente por abrigar, além das discussões, uma grande feira de produtos artesanais, publicações, fotos e exposições, fruto da contribuição de mulheres de todo o mundo.

Seria impossível dar crédito ou louvar o mérito de todas as pessoas que contribuíram para que o nosso Planeta fosse o espaço mais concorrido do Fórum Global. Cabe-nos apenas dizer que o Planeta Fêmea foi a expressão das mulheres da Terra.

Ficam registrados os nomes de algumas organizações e pessoas que contribuíram para tornar esse sonho possível.

O primeiro dia de atividades do Planeta Fêmea, 3 de junho, abordou o tema: *Solidariedade e Diversidade* e foi coordenado por Gillian Phillips, da organização WEED (Women, Environment, Edu-



cation and Development Foundation) do Canadá.

O primeiro painel, Crise e Refugiados, contou com as seguintes participantes:

Gillian Phillips - WEED (Canadá)

Pamela Sayne - WEED (Canadá)

Ana Isla - WEED (Peru/Canadá)

O segundo painel, Diversidade e Solidariedade no Contexto da Temática Mulher e Meio Ambiente, foi coordenado pela rede WIDE (Women in Development Europe) e contou com a participação de Wendy Harcourt (WIDE), Corinne Wacker (WIDE), Peggy Antrobus (Barbados / DAWN), Rosina Wiltshire (DAWN), Miriam Wyman (WEED).

O terceiro painel, O Papel das Redes para o Movimento de Mulheres, teve como debatedoras Edie Farwell (APC), Gillian Phillips (NGO-NET), Alessandra Oliveira (Alternex) e Giselle Mills (APC).

O dia 4 de junho abordou a temática Biotecnologia e Biodiversidade - A Visão das Mulheres. Foi coordenado por Vandana Shiva, Diretora da Fundação para a Ciência, Tecnologia e Recursos Naturais. O tema foi abordado em dois painéis:

Painel 1:

Perspectivas e Planos de Ações para Biodiversidade, Biotecnologia, Alimentos e Agricultura. Coordenado por Vandana Shiva contou com a participação de um grupo de agricultoras da Ásia. Chandni Yoshi, Bibi Sultana, Julekha Begum, Vina Mazumdar, Sarala Sardar e Shandika Shreshtha.

Vandana Shiva (Índia) - As Implicações do Debate sobre População e Meio Ambiente;

Gita Sen (Índia) - População e Desenvolvimento: Equação Simples, Condições Complexas, Dimensões de Gênero.

II Painel

Questões Éticas:

Liberdade e Escolha

Coordenação: Rosiska Darcy de Oliveira (Brasil)

Mabel Bianco (Argentina) - Gênero, Cultura, Religião e Sociedade;

Edna Roland (Brasil) - Rejeição e Ética;

Francis Kissling (Estados Unidos) - Liberdade de Escolha

Jaqueline Pitanguy (Brasil) - A Ética da Não Maternidade: A Questão do Aborto.

III Painel

Políticas Públicas

Coordenação: Sônia Correa

Betsy Hartman (Estados Unidos) - População, Políticas Mundiais, Questões de Gênero;

Maria José Araújo (Brasil) - Políticas Públicas: Necessidades das Mulheres - A Experiência Brasileira;

Farida Akhter (Bangladesh) - Políticas Públicas: Necessidades das Mulheres - A Experiência de Bangladesh;

Bene Madunagu (Nigéria) - Políticas Públicas: Necessidades das Mulheres - A Experiência Nigeriana.

Dia 7 de junho

Parte da manhã:

Painel:

Ética e Responsabilidade

Participaram : Antoinette Fouque



(França), Maria de Lourdes Pintasilgo (Portugal), Carolyn Merchant (Estados Unidos), Shirley MacLaine (Estados Unidos), Corinne Kumar (Índia), Rosiska Darcy de Oliveira (Brasil).

A sessão da tarde foi organizada pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião). O tema escolhido foi **Mulher e Sagrado:**

Relação da Ética com o Sagrado - Nancy Mangabeira;

Emergência de Novos Valores: Ética e Reprodução - Lúcia Ribeiro;

Ecologia da Libertação - Heloísa Stopatto;

Mulher da Terra e Espiritualidade - Theresa Cavalcanti/Elza Maria Gheller;

Mística e Política - Márcia Maria M. Miranda/Maristela Barenco C. de Mello;

Orixás Femininos - Mãe Beata;

Lilith e Eva - Patrícia Tiommo Talmasquim;

Arquétipos Femininos nas Ciências Esotéricas - Esther Bin/Syrthes Avarese;

Imagens da Mulher nos Textos Sagrados - Ivoni Richter/Odete Lara;

Espiritualidade e Cura - Maria Tereza Paes Leme;

O Sexo e a Cor de Deus - Barbara M. de Souza/ Silvia Regina de Lima Silva;

Oficina de Corpo - Grupo Quiron;

Oficina de Bonecas Negras - Grupo Abayomi;

Oficina de Barro - Nelly Gutmacher;

Dança Harmônica - Débora Colker;

Grupo Ciranda da Luz - Norma Sá Ferreira.

A coordenação foi de Célia Sztrenfeld e Marta de Oliveira. O even-

to contou com a participação de mais de mil mulheres.

A Tribuna Internacional da Mulher e o ICAE (Conselho Internacional para Educação de Adultos) coordenaram as atividades do dia reservado ao tema Educação e Informação.

A parte da manhã ficou reservada ao tratamento da temática educacional. Participaram da mesa: Lorna Gordon Gorffon (WAND/ Jamaica), Ana Maria Quiroz (ICAE, Canadá), Marta Benavidez (Medepaz/El Salvador), Lalita Ramdas (PRIA, Índia), Okech Owiti, Pat Ellis, Jacques Proutx.

Moema Viezzer do ICAE foi a coordenadora do Tratado de Educação Ambiental.

As atividades da tarde, que constaram de um painel e de oficinas, foram coordenadas por Meera Singh, Marcia Sanders, Alice Mastrangelo, da Tribuna Internacional da Mulher. Participaram as seguintes redes de comunicação:

Centro da Tribuna Internacional da Mulher - fornece apoio a grupos de mulheres do mundo inteiro.

COMULHER - Grupo de mulheres que trata em vídeo a questão da mulher no Brasil.

NGONET - Rede criada em 1990 com o objetivo de ativar a comunicação entre as organizações não-governamentais do Sul. Embora não esteja restrita às questões das mulheres, NGO-



NET tem como objetivo promover o acesso das mulheres às redes eletrônicas.

SISTREN - Grupo de Teatro Popular de Mulheres que utiliza o drama como instrumento de comunicação. O Coletivo surgiu a partir de experiências de mulheres da classe trabalhadora que usam o teatro para expressar suas questões.

Tanzania Women's Media Association (TAMWA) - é uma associação de mulheres na mídia que produz materiais informativos sobre uma variedade de tópicos.

WOMENET - Trata-se de uma rede criada recentemente que utiliza o fax como instrumento de comunicação. Os membros do Womenet "faxnet" se comunicam mensalmente, compartilhando informações sobre novas iniciativas e alertas que possam ser retransmitidos através de seus networks.

Women's Feature Service - Serviço internacional de notícias que promove a visão das mulheres através da imprensa.

Painel / Diálogo

Anita Anand - Women's Feature Service (Índia)

Maria Angélica Lemos - COMULHER (Brasil)

Alice Mastrangelo - International Women's Tribune Centre (Estados Unidos).

Nan Peacock - Womenet (WAND/ Barbados)

Maria Shaba - Tanzania Media Women's Association (Tanzânia)

Maria Suarez - Feminist International Radio Endeavour (FIRE/Costa Rica).

Facilitadoras: Marion Bernard, Sistren Theatre Collective (Jamaica), Marcia Sanders (CTIM), Meera Singh (CTIM).

Organization), Claire Flenley (WEN), Marietje Kranendonk (LMO/Holanda), Josefa Martins Reis (Sindicato de Agricultores Rurais/Brasil).

O último dia de atividades do Planeta Fêmea, 13 de junho, foi organizado pela Rede de Mulheres e Meio Ambiente da América Central e abordou o tema Mulher, Pobreza e Reforma Agrária.



Contou com a participação de Hilda Rivera (Guatemala), Margarita Lorio (Nicarágua), Marta Trejas (Costa Rica), Vicky Guzman de Luna (El Salvador), Itzel Rojas (Belize), Mercedes Campusano (Panamá).

Thais Corral, jornalista, coordenadora da Rede de Defesa da Espécie Humana e do CEMINA (Centro de Projetos da Mulher). Membro do Conselho Diretor do WEDO. Integrou a Comissão Organizadora do Planeta Fêmea.

6





A Ordem da Vida



"Todas vivemos a era da chamada guerra fria: foi a ordem da força, do poder, do mais forte. Passamos, com a queda do comunismo, da Ordem da Força à Ordem do Dinheiro. Eu creio que as mulheres podem contribuir para ultrapassar o que ainda resta da ordem da força, o que está a emergir cada vez com mais poder como ordem do dinheiro, e construir o que eu chamaria de A Ordem da Vida."

Maria de Lourdes Pintasilgo



Índice



27 *O Nexo de Sobrevivência*

"Não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos, milênios. O que me interessa, é como as mulheres podem, de maneira original, dar uma contribuição para que vivamos uma história de dimensão humana e global."

Maria de Lourdes Pintasilgo
Ex-Primeira-Ministra de Portugal, Presidente da
Comissão Independente sobre População e Qualidade de Vida.



33 *O Contrato Humano*

"O corpo materno é o primeiro meio ambiente, o primeiro meio natural e cultural, fisiológico e mental, carnal e verbal. É o primeiro mundo acolhedor ou rejeitante, onde se forma, se cria e cresce o ser humano. É a primeira terra, a primeira casa que ele habita. A carne viva, falante, pensante e inteligente das mulheres. É a primeira matéria, ao mesmo tempo que a primeira fábrica."

Antoinette Fouque
Presidente da Aliança das Mulheres pela Democracia, Diretora da
"Editions des Femmes", Fundadora do Observatório contra a Misoginia.



37 *Uma Parceria Ética*

"Uma parceria ética é uma parceria de igualdades e de consideração moral dos humanos para com as outras espécies com respeito pelas diversidades culturais e pela biodiversidade."

Carolyn Merchant
Professora de História Ambiental, Filosofia e
Ética da Universidade da Califórnia - Berkeley.





A Ecologia Interior **39**

"Se vivermos de maneira mais simples, vamos descobrir que, na verdade somos mais ricos. Existe o suficiente para suprir a necessidade de cada um de nós, mas não para atender a ambição ilimitada de alguns."

Shirley MacLaine
Atriz e escritora



Ventos do Sul **43**

"Ouçam o vento, especialmente o vento que vem do Sul. Não me refiro apenas ao vento que sopra dos países da Ásia, África, América Latina e Caribe, mas, também, à voz do movimento de mulheres."

Corinne Kumar D'Souza
Cientista política, pesquisadora do
Centro para Educação Informal e Desenvolvimento.



Vamos partir da afirmação das mulheres como sujeito da História. Todas nós temos afirmado essa presença das mulheres e essa possibilidade de intervenção como sujeito da História. Eu gostaria de o ver a três níveis.

O primeiro nível é o da passagem de objeto a sujeito, mas queria insistir em que é uma passagem do corpo-objeto, objeto de opção, objeto de observação, objeto de exposição, objeto das leis do mercado, ao corpo vivido e sujeito, o único que é de fato definidor da natureza humana. Este corpo vivido e sujeito, sempre habitado por um projeto, com a continuidade de decisão que nos permite dizer eu, e em que a ética delineia um quadro de dinamismo. Portanto, a afirmação de que a mulher é sujeito da História supõe a continuidade do eu, supõe o projeto, supõe este quadro de dinamismo e de iniciativa. Um segundo ponto igualmente importante é que essa intervenção dinâmica e com iniciativa leva à afirmação de uma consciência pessoal crítica, face à História e ao momento concreto que cada uma de nós está vivendo. O que supõe a análise dos acontecimentos e das idéias, supõe a interligação do advir pessoal à cidadania, com um movimento coletivo do aprofundamento e da criação de uma democracia para o nosso tempo. É paradigmático que Antoinette Fouque, tendo sido uma das grandes iniciadoras do movimento de libertação das mulheres nos anos 70, tenha feito a *démarche* que leva atualmente a conduzir o movimento, uma aliança para a democratização da sociedade. Parece-me que este processo, vivido por uma das representantes mais notáveis do



O Nexo da Sobrevivência

Maria de Lourdes Pintasilgo



movimento de mulheres nos últimos 30 anos, tem sem dúvida um aspecto paradigmático para todas nós e para cada uma de nós. Esta consciência crítica pessoal face à História não pode limitar-se apenas à denúncia daquilo que a mulher vive enquanto mulher, aquilo que quando eu era jovem chamavam de problemas das mulheres. Mesmo que essa área dos problemas das mulheres se tenha transformado em uma reivindicação, em uma denúncia, é ainda muito limitada face àquilo que cabe à mulher enquanto sujeito da História. Essa consciência hoje significa uma responsabilidade pessoal entrosada numa responsabilidade global. E ninguém pode, mesmo a partir do seu lugar concreto, limitar-se a esse lugar - tem que o ver sempre fazendo parte de um sistema que é mais amplo, de natureza global. Insisto nisso porque, mesmo que as discussões oficiais sigam uma trajetória que pareça tocar na moral dos problemas, estamos ainda no princípio de uma afirmação e de uma compreensão do que é essa realidade global.

Em terceiro lugar, a mulher, quando sujeito da História, é - e não tenho que o sublinhar muito - a solidariedade das mulheres em movimento, e de novo estou a pedir emprestada uma expressão de Antoinette Fouque, mulheres em movimento como ingrediente único para o modelar da História. *Mas lhes digo que não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos e milênios. O que me interessa, e é a minha tentativa, é procurar como é que as mulheres podem, de maneira original, dar um contri-*

buto para que vivamos uma História de dimensão humana e de dimensão global.

Estamos no início de uma nova Era. Não há dúvida de que a Conferência do Rio deve levar a nós mulheres a uma percepção de que esta Era se pode começar. E o que deixamos para trás? Para trás está o pensamento linear, aquele que segue um raciocínio não interrompido, e que pensa que não há descontinuidades, que não compreende o ziguezague que as mulheres intuitivamente compreendem, que não compreende a circularidade do real, o fato de que todas as coisas estão rodando umas em volta das outras, e entrosando-se umas nas outras, significa este esquema hiper-simplista que já o nosso grande mestre Paulo Freire nos ensinou, que era completamente errado pensar que cada causa tem um só efeito e que cada efeito tem uma só causa. O que é, mesmo em termos científicos, absolutamente a pré-ciência. Isso não tem nada a ver com a ciência: sabemos bem que cada causa produz numerosos efeitos, e por seu turno cada efeito é a conjugação de numerosas causas, umas visíveis, outras ainda historicamente invisíveis. Estamos ainda, em termos para trás de nós, na noção que herdamos sem dúvida do contexto judaico-cristão, num progresso ilimitado. Os homens transpuseram para a sociedade em que vivemos a noção messiânica da História que pertence a outro nível, e daí pensarem que o progresso realmente é ilimitado, em todos os domínios, e que o homem pode fazer tudo, pode saber tudo, pode criar tudo. Vimos ainda de uma época em que há uma uni-



dade dialética sempre entre dois termos opostos. Não sabemos trabalhar senão com dois, em relação binária, naturalmente de oposição, o que conduz às vezes a alguma síntese criadora mas também a um desperdício de idéias enormes, a um pensamento não ecológico enquanto pensamento, cheio de desperdícios, cheio de resíduos, alguns bastante tóxicos. Para trás de nós fica por isso mesmo um *approach* que era disciplinar, setorial e compartimentado. E este *approach*, sabemos hoje, não conduz a nada.

A Conferência do Rio, nas instâncias de tomada de decisão política, está sendo uma fratura radical nesse tipo de pensamento, porque diante de nós surgem relações de múltiplas formas, limites do conhecimento, limites da Terra, limites de nós mesmos na nossa capacidade de ser e de pensar, e não no que me respondiam há três ou quatro anos umas jovens em pós-graduação de países mais industrializados, que diziam "a nossa vida é muito diferente das vidas de nossas mães, porque para nós a liberdade é ilimitada, tudo é possível". Esta é uma nova utopia, uma nova crença, que importa perceber que se está ainda no esquema anterior, visto que estamos a lidar com uma civilização de limites, e limites não estamos já numa unidade só de dois termos, mas numa unidade de sistemas, em que tudo tem a ver com tudo. E por isso somos conduzidos a um *approach* interdisciplinar, intersetorial e a um pensamento e a uma gestão integrada de todas as questões. É minha convicção que esta nova Era está presente na experiência multiforme das mulheres

quando somos capazes de abarcar mais do que só nossa pequena realidade. Se mergulharmos em nossa história coletiva, e em nossa história pessoal, encontramos já indícios de que esta nova Era está presente.

A Conferência do Rio trouxe de forma clara dois termos, ambiente e desenvolvimento, o que corresponde a um grande progresso na temática sempre setorial da Organização das Nações Unidas. É um desenvolvimento que hoje, e é extremamente interessante ouvir as referências no plenário, já não é apenas o crescimento econômico, já não é um conjunto de pequenas adições em que se pensa que o desenvolvimento vai acontecer fruto de todas essas causas, mas o desenvolvimento aparece como um fenômeno societal, em que é fundamental toda a dimensão qualitativa das questões. No entanto, penso que há ainda uma grande limitação nesta equação ambiente e desenvolvimento, porque os dois fazem parte de uma equação muito mais ampla, que já foi indicada aqui, ambiente, desenvolvimento, pobreza, modelos de consumo, população, como problemas autônomos, mas interdependentes uns dos outros, tendo como interface de cada dois conjuntos a ciência e a tecnologia nas suas dimensões políticas, econômicas e geoestratégicas.

O *nexo da sobrevivência*, é uma equação, um conjunto de múltiplas entradas, são múltiplas equações de múltiplas variáveis. Não é um problema simplista de causa e efeito. Neste particular, falta algo, a luta contra a pobreza, com a



economia de mercado, o crescimento econômico, o desenvolvimento. Por que dizer-se que o mundo já não tem ideologias - não é verdade -, temos uma grande ideologia neste momento, que é a ideologia do mercado, na convicção de que o mercado pode resolver todos os problemas e que ele tem, como dizem os economistas e as grandes organizações internacionais, leis naturais. Quando os meus amigos latino-americanos dizem "o continente latino-americano está marginalizado", isto quer dizer (e os africanos mal podem dizer isto porque a África sequer é marginalizada, é como se não existisse pura e simplesmente aos olhos dos grandes tomadores de decisões), que eles estão justamente a apontar para uma das consequências dessa ideologia, baseada unicamente na concorrência e na competitividade, que deixa necessariamente de fora os pobres, os diminuídos, os vulneráveis, os não organizados, como somos todos os pobres do Sul. Essa marginalização acontece ao nível do planeta e em cada uma das sociedades. Por isso, é fundamental a criação de estratégias específicas dirigidas diretamente contra a pobreza. Numa economia que vai entrar, ou que entra, ou que já está dentro do jogo do mercado a nível mundial, é necessário em cada sociedade um outro tipo de economia que tenha como objetivo as camadas pobres. É claro que podem levantar a questão de como conciliar estas duas economias. É uma tarefa de investigação experimental, que cabe tanto aos economistas como a todas nós que trabalhamos com a população na sua vida concreta e

diária, longe das generosidades ideológicas dos anos 60 e 70, mas sem dúvida muito próximo daquilo que é a grande problemática da economia hoje.

Se formos capazes de delinear essa estratégia, teremos conseqüências enormes no ambiente, na população, no desenvolvimento, tudo isso vai se transformar.

Um outro exemplo que queria dar é o do outro extremo da escala - como modificar os modelos de consumo, sem fazer um discurso moral dirigido ao indivíduo, mas enquanto estrutura e política de cada sociedade, garantindo ao mesmo tempo o crescimento econômico, e que é necessário pela interdependência de todas as economias à escala do mundo. Ora bem, desde há cerca de três anos estou à procura de alguns economistas que possam formular esta questão, como modificar o esquema do consumo, o modelo de consumo, garantindo ao mesmo tempo o crescimento econômico. Tenho a dizer que não encontrei ainda a solução, nem no MIT, nem no London's School of Economics, nem nos institutos mais prestigiados de economia. Não há nenhum economista que se tenha debruçado a fundo sobre este problema. Não sei se o começo, por isso, é pela ciência ou se é pela nossa prática, justamente sendo as mulheres as maiores agentes do consumo (elas é que fazem a ligação entre a produção e o consumo), talvez uma reflexão por parte das mulheres seja um aspecto muito importante neste domínio. O domínio da ciência e da tecnologia é fundamental, enquanto elemento subjacente a este nexa da sobrevivência. No mundo



da pobreza a tecnologia vive enquanto ausência, ela não existe não está lá, não está presente, e a pobreza só vive as conseqüências da tecnologia, das megacidades dos resíduos dos estabelecimentos humanos e das unidades industriais, enquanto nas sociedades industrializadas a tecnologia cria necessidades artificiais, constrói mediações técnicas de tal maneira que as relações interpessoais se encontram divididas. Na Europa quando encontramos alguém que há muito tempo não víamos, e dizemos, Ah! gostava imenso de conversar contigo, a pessoa diz, deixa-me ver a minha agenda, talvez daqui a 15 dias. Onde está o desejo do encontro, onde está a comunicação entre as pessoas, onde está a espontaneidade da vida para além das mediações técnicas? Ainda queria denunciar duas coisas que estão presentes também no RioCentro. Por um lado, é o reconhecimento hoje, e quem o diz é um homem notável no domínio da ciência, Ilya Prigojine, em seu último livro. É que hoje somos muito aqueles que estamos convencidos e conscientes de que os fenômenos da natureza são irreversíveis. Mas o homem é tão louco, o homem em si mesmo, que há pouco tempo, numa conferência de grandes peritos sobre questões de energia, um deles dizia "não vai ser possível virar do plutônio ao urânio enriquecido e depois ao urânio tóxico como ele existia", sem compreender que, no fundo, era um homem político, considerado perito em questões estratégicas, sem compreender que há fenômenos na natureza que são totalmente irreversíveis, e esta irreversibilidade tem que



ser tomada em linha de conta numa política que as mulheres realizem, tendo como foco o nexo da sobrevivência. É porque há fenómenos irreversíveis que, ao nível do ambiente, ficar apenas satisfeito com a frase - "o poluidor paga", não chega. O poluidor paga, mas, quando poluiu, já criou o fenómeno irreversível. Portanto, o problema não é só o poluidor pagar, o problema é cortar na raiz a produção que é poluidora. Esta é a grande questão que raros políticos têm a coragem de definir.

Um outro problema que está presente na Conferência do Rio é aquele que eufemisticamente se chama transferência de tecnologia. Quero deixar claro que a chamada transferência de tecnologia é um dos elementos fundamentais da ideologia de mercado. É um processo de compra e venda como outro qualquer, sujeito exatamente às mesmas leis, e isto significa que o Norte vende ao Sul tecnologias poluentes. Isto está também ligado a um problema fundamental, que é este em que estamos, como estiveram o Japão e a Coreia do Sul, numa lógica de copiar o processo de 200 anos de industrialização dos países ricos. Ou acreditamos que é possível fazer um curto-circuito? Que é possível justamente introduzir no Hemisfério Sul tecnologias novas, que terão que ser acompanhadas de novos mecanismos de ajuda ao desenvolvimento. Isto exige, entre outras coisas, que o Conselho Económico e Social das Nações Unidas, cuja tarefa é manter a paz através da economia e do bem-estar social, cumpra realmente a sua missão. Nas Nações Unidas devíamos ter dois Conselhos de Segu-

rança, e não há dúvida de que o texto da Carta das Nações Unidas permite esta realidade. Diz exatamente isto: a paz constrói-se no mundo da militarização, mas constrói-se ao mesmo tempo no mundo da economia e das questões sociais. É claro que isto tem imensas implicações, implicações radicais, utilizando, por exemplo, uma parte do trilhão de dólares das despesas militares para o combate à pobreza, abertura de mercados, que estão atualmente limitados aos três grandes poderes, ao triângulo Japão, CEE e Estados Unidos: 80% do comércio internacional passa-se entre estes três. Enquanto o resto do mundo se encontra marginalizado. A América Latina passou de uma participação de 14% no comércio internacional a uns meros 6%, porque tudo está hiperprotegido pelos fortes e poderosos. Isto significa também, e fazemos a ligação com os modelos de consumo-maior poupança nos países industrializados. O que este nexo de sobrevivência com esta dimensão científica e tecnológica tem que ver com as mulheres? Durante muitos anos, nós todas ouvimos dizer que há uma grande ligação entre as mulheres e a vida, as mulheres são portadoras de vida, as mulheres são encaradas como símbolos de vida. É claro que isto tem imensas deformações, mas o que me parece fundamental é utilizar esta expressão no contexto de uma nova Era. *Todas vivemos a era da chamada guerra fria: foi a ordem da força, do poder, do mais forte. Passamos, com a queda do comunismo, da Ordem da Força à Ordem do Dinheiro. Eu creio que as mulheres podem contribuir*

para ultrapassar o que ainda resta da ordem da força, o que está a emergir cada vez com mais poder como ordem do dinheiro, e construir o que eu chamaria de A Ordem da Vida. E neste sentido, o nexó da sobrevivência é o aspecto mais importante da tarefa que temos diante de nós. Isto significa abandonar os nossos comportamentos individuais e coletivos, toda e qualquer tentativa



de cedência ao star-system, de cedência aos mais poderosos, e encontrarmos o caminho dentro de nós, da nossa própria humildade, do limite que temos em nós, o limite de leis, do que cremos e podemos fazer, de nossa própria duração histórica, e humildemente e com sabedoria fazê-lo entrar na História. Então, sim, as mulheres poderão criar uma nova Era e será a ordem da vida.

8



Venho da França, o que hoje significa de maneira mais clara que nunca, da Europa.

"A Europa", como o diz Emmanuel Levinas, o mais "ético" dos filósofos vivos, é a "Bíblia e a Grécia", o que significa que é o continente onde nasceram, em torno do Mediterrâneo, os monoteísmos e a democracia. Lá eles se enraizaram para desdobrar-se em uma expansão permanente, colonizadora e universalista sobre os cinco continentes.

Quanto ao que nos concerne diretamente, nós, mulheres, hoje em dia, sabemos que vinte e cinco anos de lutas contam pouco perto dos muitos milênios destes três monoteísmos: Judaísmo, Cristianismo e Islã aliam-se em um formidável *backlash*, uma monstruosa "vingança de Deus", para contestar os novos direitos com diversos integristas.

Darei a seguir alguns breves exemplos ocorridos recentemente na Europa:

- A reunificação das Alemanhas Oriental e Ocidental emperrou principalmente no problema político do aborto.

- Na Irlanda, uma menina de treze anos, descobrindo-se grávida em conseqüência de um estupro incestuoso que já durava muitos anos, teve negada pelo governo de seu país a permissão de ir abortar na Inglaterra, ainda que uma mulher, Mary Robinson, seja atual Presidente da República da Irlanda. Apenas a pressão da Comunidade Européia e dos grupos de mulheres pôde fazer o Parlamento ceder.

- Na França e nos países do Sul que têm uma lei que trata de aborto voluntário (alguns, como Portu-



O Contrato Humano

Antoinette Fouque



gal, não têm tal lei), está surgindo, junto com a extrema direita e com a direita conservadora, uma ordem moral ultra-repressiva.

- Na Polônia, finalmente, a proibição total do aborto foi uma das primeiras conquistas (!) da nova democracia...

Eis-nos diante de um paradoxo inusitado, nascido desta dualidade de forças, a Bíblia e a Grécia, os monoteísmos e a democracia. Qual é este paradoxo?

Sabemos que as igrejas nunca cessaram de afirmar o seu domínio sobre o corpo feminino. A Bíblia está repleta de exemplos, onde Deus, não dá a Eva mais que uma "identidade derivada", sem identidade própria, retirando-a da costela de Adão, onde Deus abre e fecha a seu bel-prazer o útero das matriarcas (Sara era estéril até a idade de cem anos, o que fez Abraão precisar de Agar para engendrar Ismael, seu filho primogênito, porém bastardo. Após tal acontecimento, Sara tornou-se fecunda e gerou Isaac. Eis a raiz do conflito atual entre Israel e Palestina, entre o Judaísmo e o Islã). Em seguida, Deus condena a mulher adúltera, pois ela estaria correndo o risco de introduzir na família um filho que não seria do pai. Finalmente Deus permite que seu filho feito homem tenha uma mãe carnal, desde que ela continue virgem, como Atena ou a Diana dos Efésios, embora privada de divindade.

Tudo isso é conhecido demais para que eu continue batendo nesta tecla.

O funcionamento de nossas democracias, por outro lado, é muito menos conhecido, e mesmo assim os mitos fundadores da democracia

ateniense continuam a "evangelizar" ou imperializar o mundo, através da cultura, especialmente do teatro, por seus princípios fundamentais que agem com ainda mais força nos dias de hoje por estarem escondidos, inconscientes, recalçados.

Antes de sair de Paris, eu assisti a uma representação de *As Eumênides*, de Ésquilo. Sinto-me ainda mais autorizada a esboçar uma rápida análise porque neste mesmo momento, no Rio, está sendo representada a *Antígona*, de Sófocles.

Que contam *As Eumênides*, terceira e última peça das Céfores?

Orestes, que matou sua mãe Clitemnestra, que matou seu esposo Agamemnom, em parte por haver ele sacrificado sua filha Ifigênia, será inocentado pela deusa Atena, virgem. Ele gozará de um "não-lugar", recuperará o seu reino e tornar-se-á o aliado privilegiado de Atenas.

As Eríneas, deusas vingadoras do matricídio, tornando-se as Eumênides, perderão todo o poder. É o fim do matricídio como crime. Seguindo o exemplo de Atena, que nasceu de seu pai, Zeus, que havia engolido a sua esposa que estava a ponto de dar à luz em seu lugar, os atenienses autóctones nascerão da mãe-terra, sem fêmeas. E a democracia ateniense, como sabemos, excluirá do direito de cidadania os escravos, os estrangeiros e as mulheres.

Em nenhum outro lugar foi expressa com tanta clareza, precisão, rigor, arrogância quanto nas *Eumênides* a derrota mítica, histórica e política das mulheres, a ditadura viril que funda o modelo democrático assombrado desde sua origem



pela exclusão do outro, pela inveja do útero, pela raiva contra a mulher-mãe e pela expropriação e forclusão de seu corpo como lugar de criação do ser humano, do falante.

Forcluímos o corpo das mulheres em benefício da terra-mãe, deixando-se em seguida Gala fora da simbologia. A franco-maçonaria, que é um dos agentes ideológicos maiores da democratização e da laicização, especialmente na África Negra, exclui as mulheres das obediências principais, afirma-se como rigorosamente monoteísta, deixando, nos ritos iniciáticos das lojas mistas ou femininas, o elemento terra fora do templo da luz.

Qual a situação geral hoje na França?

Politicamente, dez anos de socialismo transformaram a república gaulliana dos pais em "república dos filhos"; o fillarcado sucede o patriarcado, as solidariedades fraternas e as lutas fratricidas afastam maciçamente as mulheres da cena política. Após o anti-racismo, o "partido verde" quer educar as mulheres, ou seja, assimilá-las a uma ideologia unissex, ao invés de pôr-se à escuta de sua especificidade. Os homens são filhos eternamente jovens, enquanto as mulheres são mães sempre já velhas e assassinadas. Tal foi o caso da primeira mulher a se tornar Primeira-Ministra, Edith Cresson.

Simbolicamente, o "caso Althusser", filósofo e matador de sua mulher, é emblemático do matricídio *superstar*. Em 1981, ele estrangulou sua mulher maternal; beneficiou-se de um não-lugar; internado em um hospital psiquiátrico, faz a mímica de uma gravidez e de um parto;

escreve uma autobiografia saudada pelo conjunto da classe intelectual como sendo uma obra de arte literária e seu crime é qualificado de "ato fundador" de seu gênio literário...

Juridicamente, no Direito francês, o matricídio não existe; ele é apenas um dos aspectos do patricídio. O preâmbulo de nossa Constituição não nos reconhece direitos "sagrados e inalienáveis" como é o caso para as raças, religiões e crenças. Não temos leis antidiscriminatórias para as mulheres, apesar de a França haver ratificado a Convenção da ONU contra Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. Uma laicidade do igualitário e da simetria, neutralizando a diferença dos sexos, nega a discriminação [por exemplo, a recusa do sistema de cotas, primeiro passo em direção à paridade] e penaliza a maternidade [por exemplo, a proibição do trabalho noturno para as mulheres].

Apesar disto, o estado das coisas que dizem respeito às mulheres é inquietante: o Observatório da Misoginia, confirmado pelo ministério do Interior, afirma que em 1990 houve 360 mortes de meninas ou mulheres por causa de seu sexo, e dois milhões de mulheres espancadas. Em 1991, os estupros reportados aumentaram 11% em relação a 1990, e a violência contra as mulheres (espancamento, estupro e morte) continua muitas vezes impune ou fracamente punida (Artigo 64 e qualificação dos assassinatos, logo desculpáveis). Economicamente, as mulheres constituem mais de 70% dos desempregados de longa data.

A mídia faz um muro de silêncio e desinformação.



Na França, não mais que na Europa, no Ocidente ou em qualquer país de democracia dita avançada, não há justiça nem liberdade para as mulheres, já que os fundamentos de nossas democracias e os princípios dos direitos humanos continuam perversos.

Os filhos da Terra, após um contato social muito insuficiente, preocupam-se hoje com uma nova aliança com a natureza; a ecologia dos elementos, dos vegetais, animais, humanos, está preocupada com este contrato natural e vital. No começo havia a água, e as águas estão poluídas. No começo havia o ar, e a camada de ozônio se despedaça. No começo havia a floresta, e as florestas desaparecem...

O começo, para cada um de nós, foi o corpo de uma mulher. Cem milhões de mulheres que seriam nossas contemporâneas desapareceram, como as florestas... Cada dia, no mundo, matamos, massacramos, suprimimos, estupramos, incestuamos meninas e mulheres, por causa de seu sexo. A Aids polui as águas amnióticas e a placenta, primeira membrana protetora e alimentadora do ser humano, em milhares de mulheres grávidas. A poluição mental, psíquica, ao lado destas poluições fisiológicas, transforma a "capacidade de sonhar" das mulheres, sua atividade antropocultivadora, em neuroses estereis, em excitações desertificantes. *O corpo materno é o primeiro meio ambiente, o primeiro meio natural e cultural, fisiológico e mental, carnal e verbal. É o primeiro mundo acolhedor ou rejeitante, onde se forma, se cria e cresce o ser humano. É a primei-*

ra terra, a primeira casa que ele habita. A carne viva, falante, pensante e inteligente das mulheres é a primeira matéria, ao mesmo tempo que a primeira fábrica.

Que computador genial é o útero, conectado ao cérebro, ao sistema hormonal, a todos os órgãos, mas também ao aparelho psíquico, à alma; a carne criadora é como que um quinto elemento, a quintessência que contém os quatro elementos naturais - a água, o fogo, o ar e a terra - e os sublima. A gestação é o lugar e o tempo - o único - da comum e universal origem de nossa espécie.

Mas as mulheres têm menos do que nunca o controle da criação própria de seus corpos. Ao mesmo tempo em que a negam, as sociedades tradicionais continuam fazendo dela uma produção escrava, e as sociedades avançadas ainda a exploram de modo tecnicista, industrial e capitalista. Ao lado de todos os bancos de tecidos vivos, Bush acaba de decidir que será criado um banco de fetos, que ele ainda tem a arrogância de fazer crer que se tratará unicamente de fetos advindos de abortos espontâneos e de gravidezes extra-uterinas. *Mais que mitologias bíblicas e gregas que falsificam a origem, substituindo a gestação fêmea por gênese fabulosas e amátricas; mais que democracias unissexistas e*



matrioidas, nós queremos um processo da democratização que reconheça a irredutível diferença entre os sexos, a assimetria e o privilégio das mulheres na procriação, que faça da procriação um direito universal, que restabeleça a realidade, a verdade da origem humana, carnal e sensual, que expresse sua gratidão diante das mulheres por suas colaborações únicas à humanidade em sua genealogia, sua memória, sua transmissão em progresso, sua capacidade de pensar, que reconheça o gênio das mulheres em relação a sua genitalidade e identidade própria, que considere que a gestação é o paradigma de uma ética da generosidade onde o corpo estranho, o Outro, é acolhido por um enxerto tão espiritual quanto carnal, modelo de todos os enxertos, onde o outro é amado e criado como próximo.

Queremos uma democratização que considere que este gesto, este gesto da gestação, deva situar-se fora de toda especulação técnica ou mercantil, longe de toda poluição devastadora; que ela deva ser protegida por uma nova aliança dos humanos com as mulheres, por um contrato humano que garanta a perenidade de nossa ligação vital ao matricial (em árabe e em hebraico, a mesma palavra designa matriz e misericórdia).

A natureza, até 300 anos atrás, estava viva, respondia às ações humanas. Isso só mudou nos últimos 300 anos, quando se começou a pensar que o ser humano poderia ser mais poderoso que a natureza. Baseado nesse princípio, desenvolveu sua tecnologia e acabou por destruir a natureza. O ser humano se considera hoje acima dela. Precisamos buscar de volta o pêndulo para procurar o equilíbrio entre a natureza e os humanos. Não podemos nos esquecer de que dependemos da natureza. *Uma parceria ética é uma parceria de igualdades e de consideração moral, dos humanos para com as outras espécies, com respeito pelas diversidades culturais e pela biodiversidade.*

No capítulo Código de Ética e Responsabilidade, parte da Agenda 21 das Mulheres, fala-se da necessidade de novos indicadores de desenvolvimento que computariam a poluição dos rios e do ar como custos operacionais das empresas. Na realidade, esse enunciado mostra que as mulheres defendem uma reformulação no atual quadro de responsabilidades em relação ao planeta.

Uma parceria ética reconhece a



Uma Parceria Ética

Carolyn Merchant

10



importância das mulheres como também suas necessidades. Todo o trabalho da reprodução ficou sempre invisível, seja do ponto de vista do trabalho doméstico, seja da própria reprodução biológica. O que aconteceria se as mulheres resolvessem entrar em greve e não ter mais filhos? Podíamos utilizar esse nosso atributo para exigir uma melhor relação com o planeta.

A ética do chamado *self-made man* não funciona mais. Essa ética, baseada no egocentrismo, pressupõe que o indivíduo somente deve se ocupar de si mesmo. Essa é a ética do GATT, que prevê que o mercado deve ser livre e assume isso como ideal para todas as sociedades. Parte do princípio de que a natureza produz sem risco de exaurir-se. A postura do GATT, ao propor o livre comércio entre as nações, impede que o controle dos produtos, do consumo e da proteção ambiental se exerça.

Há, no entanto, uma outra ética que substitui essa ética individualista: a ética ecocêntrica, que se funda na ética dos ecologistas, e considera todos os elementos do planeta em relação sistêmica e de interdependência. Essa é a ética que hoje queremos difundir.

Quando olho o momento e observo tudo o que tem acontecido nos últimos 30 anos desde que me tornei uma ativista, sinto que o mundo continua orientado para o masculino. Acho que não seria incorreto dizer que o de que mais precisamos agora não é exatamente uma abordagem feminista, mas uma abordagem feminina da vida, do amor, da política, na busca da felicidade.

Para mim, em homens e mulheres, o feminino existe.

O feminino é o amor, o intuitivo, a nutrição, o ver longe, e o ser capaz de se envolver emocionalmente. Nessa Conferência, não deveríamos sentir vergonha de lamentarmos quando vemos uma árvore ser cortada. Nem de ficarmos furiosos ao vermos a poluição de um rio. Esses são sentimentos femininos, tanto no homem quanto na mulher. Assim, quando os sentimentos vierem à tona, mesmo quando se trata de documentos ou papéis, como a Agenda 21 ou do Acordo da Biodiversidade, é hora de os sentimentos femininos serem reconhecidos.

Acredito que agora estamos entrando em uma crise espiritual feminina no mundo.

Estivemos muito tempo cativos de um mundo capitalista, de mentalidade masculina e, no Rio especificamente, as mulheres estão tentando tramar uma gigantesca fuga dessa prisão junto com os homens, na busca de uma maior harmonia interna.

Sem uma harmonia interna, a harmonia externa simplesmente não pode existir.

Nossa harmonia interna só se dá quando reconhecemos pela pri-



A Ecologia Interior

Shirley MacLaine

11



meira vez que a inteligência e a ecologia externa dependem diretamente da ecologia interna de cada indivíduo.

Quando alguns desses líderes e políticos começarem a se encontrar melhor, internamente, estou certa de que ficarão menos reticentes em relação a alguns temas, como a biodiversidade, por exemplo.

Uma visão holística da vida muda tudo.

Quando o interior e o exterior começarem a interagir, poderemos transformar, também, o mundo dos negócios, porque, então, ele se tornará mais ético.

Se não surgir daqui uma nova ética para as grandes corporações, continuaremos envolvidos nesse consumo desenfreado, como estamos fazendo até agora, e o mundo da economia seguirá seus passos por sua conta e risco.

Mas, se nós todos promovermos uma mudança no comportamento de quem conduz os negócios, o mundo dos negócios se transformará, também. Acredito que toda uma mudança de mentalidade esteja ocorrendo e quem será o responsável pelo paradigma da mudança? Não serão apenas os líderes, mas todos nós, cada um de nós, todos os dias de nossas vidas, com todas as nossas ações, com cada pensamento.

Assim, essa mudança começa conosco.

Temos que fazer tudo o que se nos apresentar: vamos às nossas passeatas, temos as nossas reuniões políticas, nossos advogados, e nosso pessoal especializado em economia, todos juntos para que possamos iniciar esse processo.

Se essas pessoas não tiverem a no-

ção exata de sua própria harmonia interna, elas não irão jamais fazer a coisa certa.

É chegada a hora, para cada um de nós, de irmos fundo dentro de nós mesmos, o tempo todo, para encontrar essa harmonia interna, porque a externa será apenas o reflexo desta.

Não somos vítimas do mundo que vemos, somos vítimas da forma como vemos o mundo.

Se nós continuarmos a juntar muito dinheiro, enquanto outros passam fome, estaremos introduzindo a fome em nós mesmos.

Se vivermos de maneira mais simples, vamos descobrir que, na verdade, somos mais ricos.

Existe o suficiente para a necessidade de cada um de nós, mas não existe o suficiente para a ambição de alguns.

Temos que falar mais verdadeiramente sobre nossos sentimentos. Isso nos permitirá falar com mais riqueza do que somos como seres humanos, da injustiça que está a nossa volta.

Mesmo que isso afete nossa segurança, descobriremos, finalmente, que o maior risco para nossa segurança somos nós mesmos.

Portanto, se nós pudermos mudar nossa vocação para que não se torne mais negativa para outros, estaremos experimentando o poder espiritual que temos ao fazermos isso.

Se estamos envolvidos em matar alguém, estaremos, inevitavelmente, envolvidos em um processo de matarmos uma parte de nós mesmos.

É necessário descobriremos, de qualquer maneira, meios de salvar o planeta e evitar a industrialização da guerra.



O nosso lado feminino deve nos incentivar a pensar e agir desta maneira.

Devemos procurar dentro de nós nossas qualidades do coração, que são a compaixão, o afeto, o ocupar-se do outro, a humildade, a coragem, a confiança.

Essas são as qualidades espirituais femininas que temos dentro de nós, homens ou mulheres.

Fico muito feliz quando vejo tantos homens procurando seu lado feminino, e quanto mais isso acontecer, mais diferente será o mundo.

Se nós encontrarmos o feminino em nossos homens, e eles encontrarem o feminino dentro deles, não teremos o mundo tão voltado para o mercado.

Teremos um mundo menos voltado para o esforço de se manter e manter o que conquistou, e cada vez menos competição e mais harmonia.

Imaginem homens que tenham encontrado seu lado feminino e se mostrem sensibilizados em usá-lo na transformação social do mercado. Imaginem um mercado que se oriente não só para obter lucro, mas, também, para a cura da comunidade. Asseguro que se pode ganhar tanto dinheiro quanto usando o dinheiro só para ganhar mais dinheiro.

Isso já está começando a acontecer. Já existem pequenas e grandes empresas se preocupando em encarar o mundo com uma visão holística.

Quando essas corporações tiverem mudado seus objetivos para fornecer total capacidade de emprego e proteção do meio ambiente e de seu pessoal, os lucros aumentarão.

Quanto mais houver interesse na preservação do mundo, mais chances haverá de se conservar os interesses da corporação.

Isso é uma abotdagem feminina. Tudo que envolve o esforço para a transformação social dentro das corporações, baseado em medidas de apoio que protegerão o meio ambiente, equilibra as desvantagens e tornará o próprio mercado e o mundo um lugar mais humano.

Nós somos a família humana, com nosso lado feminino e masculino em cada um de nós.

Mas, essa nossa família tornou-se disfuncional, porque esquecemos a mãe dentro de nós.

Aqui estamos, no mundo, na nossa Mãe Terra, cujo princípio feminino nos deu vida, alimento, uma terra para descansar sobre ela, na qual poderíamos viver, nos divertir e fazer amor.

Ela é a comida que comemos, a



água que bebemos.

Ela nos garante o material para nos proteger e vestir.

Esse encontro, aqui no Rio, é para nos lembrarmos de uma canção sobre nossa mãe que esquecemos: a de que temos que estar mais alinhados com ela, que ela nos faz reviver constantemente através de nossa pessoa espiritual.

Temos que saber que ela não poderá sobreviver se estiver envenenada.

Estamos aqui, reunidos, para refletir sobre nós mesmos, sobre a conexão que existe entre o meio ambiente interno e externo.

Fazer disso uma precondição necessária para criar um equilíbrio que forma a família humana.

Temos que saber o que está acontecendo com nossa mãe: choramos sobre o seu ar contaminado, nos angustiamos sobre suas águas poluídas, e nos indignamos com seus dons sendo desperdiçados.





Uma Civilização em Crise



"As pessoas toleram atrocidades porque têm medo de falar. Achem que vão perder muito. Pergunto: há alguma coisa que se possa perder mais preciosa do que a própria vida?"

Wangari Mathaai

Uma mulher Keniana, um dos líderes das Democracias

de 1989, que lutou pelo fim da ditadura de Daniel arap Moi. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Mulheres do Quênia. Foi também a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Saúde do Quênia.

Uma mulher Keniana, um dos líderes das Democracias

de 1989, que lutou pelo fim da ditadura de Daniel arap Moi. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Mulheres do Quênia. Foi também a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Saúde do Quênia.

Uma mulher Keniana, um dos líderes das Democracias

de 1989, que lutou pelo fim da ditadura de Daniel arap Moi. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Mulheres do Quênia. Foi também a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Saúde do Quênia.

Uma mulher Keniana, um dos líderes das Democracias

de 1989, que lutou pelo fim da ditadura de Daniel arap Moi. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Mulheres do Quênia. Foi também a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra da Saúde do Quênia.



Índice



49

Os Continentes Esquecidos

"Quando os espanhóis chegaram ao país, a cidade do México era um primoroso lago. Hoje nada mais resta daquilo. Os problemas da população são a concentração urbana, a desigualdade da renda e feminização da pobreza."

Christina Martín (México)



52

Os Desvarios da Ciência

"As mulheres foram em todas as culturas as guardiões da biodiversidade. A Convenção sobre Biodiversidade defende a necessidade da biotecnologia para manter a biodiversidade da renda e feminização da pobreza."

Vandana Shiva (Índia)



53

Os Ricos Consomem, os Pobres são Consumidos

"Direcione sua atenção ao superconsumo em seu próprio país. Ele se mantém à custa do meio ambiente e da metade pobre do mundo."

Mensagem das Mulheres do Sul às
Mulheres dos Países Industrializados



55

Uma Guerra sem Fim

"Sempre nos disseram que são nossas geladeiras que causam prejuízo para o clima da Terra e para a camada de ozônio, mas, na realidade, a origem desses problemas é militar."

Rosalie Bertell (Canadá)



A desertificação, no sentido de uma grande perda de vegetação, tem sido o maior problema ambiental com que se defrontam os países africanos. O caso mais extremo é o do Delta do Sahel no Sudão, importante região da África. Também é grave a situação no deserto de Calahari na África Meridional. No papel de produtoras de alimentos, as mulheres têm sido as mais afetadas, exatamente por conta dessa divisão do trabalho dentro da família que coloca sobre seus ombros a obrigação de obter alimentos para os demais membros. A crise da dívida acelera o processo de desertificação. Na África, aproximadamente 60% da receita obtida com exportações é usada para pagamento da dívida. Estes são recursos que deixam de estar disponíveis para a realização de políticas que poderiam transformar a atual situação e interromper o alarmante processo de perda de vegetação, sem falar da pobreza e da conseqüente perda de vidas humanas.

Zen Tadesse (Etiópia)

A partir de 1980 muitas mulheres pobres da Indonésia emigraram para a Arábia Saudita como trabalhadoras estrangeiras contratadas para trabalharem em serviços domésticos. O fluxo tem aumentado apesar dos problemas no recrutamento, pois estas mulheres estão sujeitas por lei a apresentarem-se a agências de empregos. Elas são exploradas e tratadas como mercadorias, sendo compradas e vendidas. Os documentos atestam este tipo de transação. No



Os Continentes Esquecidos

trabalho também são desprotegidas, vivendo na maior parte das vezes em péssimas condições. São, na realidade, verdadeiras escravas sujeitas à violência e ao abuso sexual. Mesmo assim permanecem. Por quê?

Embora o governo nunca admita isso oficialmente, a exportação de mulheres é uma das formas utilizadas para pagamento da dívida externa. No início dos anos 80, com a queda no preço do petróleo, a política do nosso governo para fazer receita exigiu a busca de outros produtos para exportar. A exportação de mulheres trabalhadoras para a Arábia Saudita foi uma das soluções encontradas.

Hesti Vijaya (Indonésia)

O pagamento contínuo da dívida externa durante as duas últimas décadas criou um quadro de escravidão econômica comparável somente à fase predatória do início da era colonial.

Entre 1975 e 1982, os países latino-americanos pagaram às instituições financeiras do Ocidente 276 bilhões de dólares. Entre 1983 e 1991, o pagamento da dívida foi da ordem de 240 bilhões de dólares. Essa quantia não apenas pagou os 100,7 bilhões de dólares do empréstimo original, realizado entre 1972 e 1981, mas também os empréstimos a curto prazo contraídos após 1982, num montante de 400 bilhões de dólares. Com tudo isso, a América Latina ainda deve 450 bilhões de dólares!

Essa absurda aritmética é fruto da manipulação do câmbio e da taxa de juros pelos Estados Unidos.

Uma vez que os governos da América Latina não têm sido capazes de dar uma resposta em conjunto, já que seus líderes freqüentemente se beneficiam na cooperação com o cartel de credores e o FMI, uma estratégia transformadora deve começar pela ruptura com a mentalidade de consumo de massa dominante entre as populações do Norte. A prática consumista, que serve de base ao sistema econômico, tem ainda efeitos extremamente nocivos sobre o meio ambiente, entre eles, o lixo tóxico e a camada de ozônio.

Entendendo que nenhum país latino-americano poderá enfrentar sozinho o bloqueio dos países industrializados, a solução possível seria o boicote aos grandes bancos envol-



vidos com a dívida externa: o Royal Bank do Canadá, Bank of Montreal, Scotia Bank e CIBC, no Canadá; Citicorp, Bank of America, Chase Manhattan, Manufacturers Hannover, Morgan Guarantee, Chemical New York, City Bank e Wells Fargo, nos Estados Unidos; Lloyds, Barclay's Bank, Midland e National Westminster, no Reino Unido. No lugar destes, as pessoas passariam a negociar com instituições alternativas, tais como cooperativas, Green Bank e Credit Union.

Ana Isla (Peru/Canadá)

Grande número de pessoas estão realmente preocupadas com relação à extração indiscriminada de

14



madeira e as florestas tropicais. Gostaria de chamar a atenção de vocês para a sobrevivência cultural e para os efeitos sobre os sistemas de subsistência dos povos que estão sendo realmente afetados pelo desmatamento. Um exemplo claro é como os sistemas internacionais de comércio e o superconsumo de combustível têm minado a subsistência e a cultura dos povos nativos de Sarawak.

Susan George (Malásia)

Mulheres e crianças formam de 70 a 80% dos refugiados do mundo, sendo também cada vez maior a quantidade de mulheres chefes de família. Dados que são reflexo de um modelo de desenvolvimento em que as dívidas nacionais, o pagamento de juros e a militarização são gritantemente priorizados, em detrimento de necessidades básicas, como alimentação, habitação, condições sanitárias e educação.

Pamela Sayne (Canadá)

Os 12 anos de instabilidade política mudaram a vida de todos os salvadorenhos, deixando seqüelas físicas e mentais por causa da guerra civil. As estatísticas mostram que já morreram 80 mil na guerra e existem 840 mil refugiados. A população feminina é a metade da população total e está marcada pela pobreza e desigualdade. 40% das mulheres são analfabetas.

Vicky Guzman de Luna
(El Salvador)



Na verdade, redes como a nossa têm como objetivo pôr em evidência coisas que as mulheres já estão fazendo. Este planeta já está em mãos das mulheres. Outra lição importantíssima é a constatação dos erros de pessoas que decidem as políticas ambientais nacionais, como é o caso da Costa Rica, conhecida em todo o mundo pelos parques nacionais que existem lá. O governo só protege os parques nacionais. Em 10 anos, os únicos bosques que irão existir serão aqueles dos parques nacionais. Esta certamente não é uma política ambiental.

Marta Trejos (Costa Rica)

As mulheres foram em todas as culturas as guardiãs da biodiversidade. A conservação é comum em todas as culturas onde as sementes continuam a ser um recurso público. Faz parte da especialidade das mulheres. Há técnicas muito sofisticadas envolvidas em colher as sementes em um determinado ano e poder usá-las no próximo. É necessária muita invenção humana para que as sementes não se estraguem, não se contaminem. Isso foi totalmente esquecido durante as discussões da Convenção sobre Biodiversidade.

Desde a revolução verde, a tecnologia tem uma relação diferente com a natureza. Ela intervém nos ciclos de regeneração. Os métodos tradicionais trabalham dentro dos limites da regeneração. A biotecnologia moderna impede a regeneração.

Vandana Shiva (Índia)

A moderna biotecnologia vem sendo promovida sob justificativa de conter a explosão populacional e de combater a fome. O uso de sementes híbridas, a mecanização da agricultura e o uso intensivo de pesticidas e fertilizantes químicos, longe de contribuir para a eliminação da má nutrição, estimularam a concentração da pobreza no campo. Sementes variadas com alto poder nutritivo desapareceram do mercado dando lugar a produtos importados que aumentam os lucros das empresas multinacionais. O que fica claro a partir da aplicação da tecnologia nas últimas duas décadas é o aumento significativo da fome e da má nutrição.

A catástrofe da Union Carbide em Bhopal mostra a que ponto a indústria pode afetar a população.



O Desvario da Ciência

Em consequência desse único acidente milhares de pessoas morreram e mais de 200 mil ficaram inutilizadas para a vida.

A revolução verde, fundada na utilização de tecnologia sofisticada, favoreceu os grandes proprietários que podiam adquiri-la. Os pequenos proprietários foram marginalizados nesse processo e abandonados à própria sorte, sem nenhuma outra opção senão a migração.

Cerca de 60% das mulheres que utilizam o Norplant sofrem disfunções no ciclo menstrual. Outros efeitos, considerados menores, se refletem em severas dores de cabeça, náusea, ganho ou perda de peso e depressão.

A vacina contraceptiva imuniza a mulher contra sua própria gonadotrofina coriônica, hormônio secretado pelo blastocisto que contribui para a fertilização do ovócito. Anticorpos são liberados pela vacina de maneira a impedir a implantação do blastocisto na parede do útero.

Vanaja Ramprasad - Índia

As pessoas estão persuadidas a respeito da possibilidade de curar doenças incuráveis através do mapeamento dos genes do corpo humano que vem sendo feito pelo Projeto Genoma. A possibilidade alardeada pelo projeto de predição dos fatores genéticos que determinam certas "anomalias" tem como parâmetro uma visão do ser humano perfeito. Esses padrões de normalidade e qualidade são determinados por critérios dúbios, tais como a "utilidade" e "eficiência".

Jurema Werneck (Brasil)

"Comece direcionando sua atenção ao superconsumo em seu próprio país à custa do meio ambiente e da metade pobre do mundo." Esta foi a mensagem das mulheres do Sul às mulheres dos países industrializados.

Que papel podem ocupar as mulheres ao realizarem mudanças nos modelos de consumo? Qual é a verdadeira relação entre as mulheres enquanto consumidoras do Norte e as mulheres produtoras do Sul? Esta foi a pergunta proposta no seminário organizado pela WEN (British Women and Environment Network) e pelo LMO (Dutch National Environmental Forum) durante o Planeta.

O Norte está vivendo além de seus recursos

Maria Buitenkamp, da Associação para a Defesa do Meio Ambiente, apresentou a noção de disponibilidade desses recursos indicando a quantidade de recursos ambientais disponível para cada cidadão do mundo. Tomando como exemplo o plano de ação "Países Baixos, um futuro sustentável", ela mostrou que os Países Baixos são típicos países do Hemisfério Norte, consumindo muito mais do que devem, à custa do meio ambiente e dos países pobres. O plano de ação apresenta um exemplo de como poderemos alcançar produção sustentável e padrões de consumo nos próximos 25 anos. Para alcançar isto, não apenas o papel dos produtores, mas, principalmente, o dos consumidores será essencial. As mulheres, apesar de tudo, são muito poderosas, como consumidoras:



Os Ricos Consumem, os Pobres são Consumidos

Mensagem das Mulheres do Sul às Mulheres dos Países Industrializados

80% das decisões do orçamento doméstico são tomadas pelas mulheres. É importante, entretanto, conscientizar as mulheres de que elas estão em uma posição muito poderosa face à parte dos recursos ambientais disponíveis que cabe a cada um.

Clare Flenley, da WEN, de Londres, fez uma descrição das campanhas dos consumidores e do meio ambiente, que a sua organização - juntamente com grupos de mulheres - deflagrou de maneira bem-sucedida na Grã-Bretanha. Baseadas em pesquisas realizadas por sua organização, elas desenvolveram uma ampla divulgação sobre os aspectos nocivos dos produtos descartáveis clareados com cloro, tais como fraldas, guardanapos, lenços de papel e absorventes íntimos.

Ela explicou a relação entre as enormes áreas florestais que estão sendo destruídas para a fabricação destes produtos e o efeito estufa, e entre o branqueamento com cloro e os níveis de poluição, e os riscos que causam à saúde. Como consequência das atividades das mulheres da WEN, em poucas semanas fraldas e preservativos clareados com cloro desapareceram das lojas, sendo substituídos por alternativas mais ecológicas e saudáveis. Este é um excelente exemplo do uso do poder de consumo das mulheres em um país industrializado.

Outros exemplos incluem o estímulo ao consumo do café Max Have-laar e algodão Bo Weevil (artigos produzidos sem o uso de pesticidas em pequenas propriedades), a campanha das roupas limpas e da escolha dos bancos. Esta última estimulava os consumidores a serem

mais críticos ao escolherem suas instituições bancárias. No que diz respeito aos três primeiros exemplos, o objetivo é a solidariedade com pequenos produtores, fazendeiros e trabalhadores dos países em desenvolvimento, e a preservação do meio ambiente. Iniciativas como estas deveriam ser adotadas em outros países. Somente então nós, consumidores, estaremos aptos a alcançar padrões de produção mais duráveis. Se as mulheres participassem em grande número destas campanhas, os efeitos seriam magníficos.

Josefa Martins Reis, da União de Mulheres Trabalhadoras Rurais Brasileiras, falou sobre como as trabalhadoras rurais produzem os artigos exportados para os países do Norte. Embora as condições de trabalho sejam ruins, tanto para os homens como para as mulheres, a exploração e a repressão são mais fortes sobre as mulheres.

Os salários das mulheres trabalhadoras são inferiores aos dos homens. As mulheres são as primeiras a serem dispensadas quando o empregador começa a perder dinheiro. Muitas mulheres sofrem violências físicas por parte de seus patrões e supervisores. Um número crescente de mulheres é obrigado a se submeter à esterilização, se quiser trabalhar na agricultura. O motivo oficial é a necessidade do controle da natalidade. Mas a verdade é que esta é uma forma de ocultar os efeitos nocivos dos pesticidas sobre as mulheres grávidas, e livrar o empregador de continuar a pagar seus salários durante a licença-maternidade. As pesquisas mostram que uma grande porcentagem de agricultoras foram afetadas pelo uso dos pesticidas, o que, em muitos casos resultou em fetos com



anomalias. De fato, muitos dos pesticidas utilizados no Brasil foram abolidos na América do Norte e na Europa por questões de saúde.

Os trabalhadores sindicalizados e as mulheres lutando por seus direitos são freqüentemente demitidos e tratados com violência. Em consequência, Josefa enfatizou que o apoio dos sindicatos e das mulheres do Norte é indispensável. Por esse motivo, foi sugerido que as mulheres do Sul informassem às mulheres do Norte acerca de práticas inaceitáveis das multinacionais que trabalham em seus países. As mulheres do Norte deveriam estar habilitadas a ir diretamente aos quartéis-generais destas multinacionais, ou, então, tornar públicos os efeitos nocivos desta conduta para com os povos e o meio ambiente dos países afetados. A conduta irresponsável da indústria de embalagens deve também ser incluída. Esta indústria está produzindo montanhas de lixo nos países do Terceiro Mundo, sem assumir qualquer responsabilidade pela devolução, reciclagem e possibilidades de reaproveitamento. As mulheres do grupo de trabalho afirmaram que, em muitos países da América Latina, alternativas para acondicionamento plástico simplesmente não existem mais. Por exemplo, em muitas regiões a água potável está tão poluída que a única água disponível vem das garrafas e copos. Apenas a pressão combinada das organizações de mulheres de vários países será capaz de levar os governos a criar condições para produção e padrões de consumo estáveis. E isto também inclui melhores salários e condições de trabalho mais satisfatórias e seguras para os trabalhadores e agricultores do Sul.



Índice



60 *Controle de População na Nova Ordem Mundial*

"Na chamada Nova Ordem Mundial, a obsessão da Guerra Fria com gastos militares está cedendo a outros meios de controle social. A ideologia do controle da população está sendo renovada, polida com um verniz feminista e ambientalista, e lançada no mercado através das últimas técnicas de comunicação de massa."

Betsy Hartman
Diretora do Population and
Development Program / Hampshire College.



77 *Fortes, Fracos e Feridos: uma triagem inaceitável*

"Se os estilos de vida têm que ser mantidos, a única solução é a triagem. Trata-se de um preceito militar para dividir pessoas em três categorias: os fortes, os fracos e os feridos. Só aos fortes se permite sobreviver, matando-se os fracos e os feridos, pois serão um fardo para os outros."

Vandana Shiva
Diretora do Research Foundation for Science,
Technology and Natural Resource Policy - Índia.



89 *Quem é Quem no Debate Populacional*

Privilegiar a perspectiva das mulheres significa definir a questão populacional como o direito de tomar decisões reprodutivas no contexto de meios de vida seguros, necessidades básicas garantidas e participação política.

Gita Sen
Pesquisadora do Centro para Estudos Populacionais
e de Desenvolvimento - Universidade de Harvard.



98 *Demografia e Direitos Reprodutivos*

"Por mais que não aceitemos em nossos países nenhuma meta pre-estabelecida de fora para dentro com relação a taxas de crescimento populacional, não podemos esquecer, por outro lado, que intenções reprodutivas fazem parte do direito reprodutivo e precisam ser respeitadas."

Elza Berquó
Diretora do Centro de Estudos sobre
População da UNICAMP, Pesquisadora do CEBRAP



Relatório das Mesas sobre População

Apesar das muitas evidências em contrário, ainda há quem aponte o crescimento populacional como a principal causa da pobreza e do subdesenvolvimento. Nas últimas três décadas, esta crença serviu como justificativa a inúmeros programas de controle da natalidade, levados a cabo nos países do Sul, que consumiram milhões de dólares e utilizaram com frequência métodos irreversíveis, como a esterilização que no Brasil atin-

giu 28% das mulheres em idade fértil. No contexto da Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, o debate ganha nova roupagem: o crescimento populacional é visto como ameaça a uma possível tentativa de traçar diretrizes para o desenvolvimento sustentado.

As mulheres que viveram na carne as consequências dessa lógica linear privilegiaram durante toda preparação da UNCED o debate sobre população. Seu principal objetivo: mostrar que população é um tema complexo, trata dos desejos das

Controle de População na Nova Ordem Mundial

Betsy Hartmann

Acredito firmemente nos direitos das mulheres de terem acesso ao aborto e à contracepção seguros e voluntários, estou profundamente preocupada com os ataques contra tais direitos por parte do Vaticano e de outras forças conservadora. Contudo, estou igualmente preocupada com a maneira como os programas de controle populacional podem violar direitos humanos básicos e ser uma forma de violência contra as mulheres.

A intensificação do controle populacional

Na denominada Nova Ordem Mundial, a obsessão da Guerra Fria com gastos militares está cedendo a outros meios de controle social. A ideologia do controle da população está sendo renovada, polida com um verniz feminista e ambientalista, e lançada no mercado através das últimas técnicas de comunicação de massa. Resumindo um estudo do Pentágono sobre tendências demográficas globais, escreve Gregory Foster, da U. S. Nation Defense University:

Os Estados Unidos já ingressaram numa era de recursos refreados. Assim, torna-se mais importante do que nunca fazer coisas que fornecerão





pessoas, das escolhas que fazem e por que as fazem. Diz respeito ao modelo de desenvolvimento, das relações econômicas e das regras de exploração que dominam o mercado.

O binômio consumo/produção e a lógica do mercado voltada para a acumulação de lucros são fundamentais, segundo a socióloga feminista norueguesa Helga Moss, para entender as filigranas do discurso que pretende diminuir o número de pobres no Sul e aumentar o de consumidores no Norte. É preciso resgatar as conexões que exis-

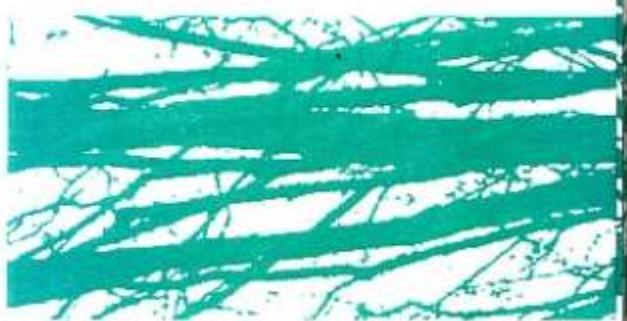
mais impacto por cada dólar gasto em segurança nacional... os planejadores de políticas devem empregar todos os instrumentos estatais a sua disposição, tanto cada porção de assistência ao desenvolvimento e planejamento populacional, quanto sistemas de novas armas.¹

O controle da população está também vitalmente ligado às estratégias econômicas do "livre mercado". A ruptura do bloco oriental, a hegemonia do Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e outras instituições internacionais financeiras e incorporadas, e o correspondente declínio da soberania nacional, conduziram a uma sistemática redução de gastos públicos no bem-estar humano. Uma vez que os benefícios do livre mercado raramente pingam até os pobres, o único combate para reduzir a pobreza, diz a lógica, é reduzir o número dos nascimentos de pobres. Se as mulheres tiverem menos filhas, formarão também um melhor exército de reserva de trabalhadores exploráveis para substituição rápida nas indústrias multinacionais.

Assim, na década de 1990, estamos testemunhando uma intensificação de esforços de controle populacional tanto no Sul como no Norte.

No Sul, os principais mecanismos de controle populacional são:

Ajuste estrutural. O compromisso do governo em reduzir o crescimento da população é frequente-



tem entre quem consome e quem produz. A fragmentação da realidade serve para mascarar as contradições e abusos do sistema. Na mesma linha de análise, a Indira Vandana Shiva, diretora do Instituto de Pesquisas para os Recursos Naturais da Índia, lembra que a relação entre pessoas e meio ambiente foi rompida com a revolução industrial. "Certamente a população cresceu no Sul, mas cresceu também nas fazendas dos Estados Unidos, do ponto de vista da lógica do grande negócio agrícola."



mente uma condição, por parte do FMI e do Banco Mundial, para empréstimos de ajustes estruturais. Esse foi recentemente o caso da Índia, onde o dispêndio do governo em controle da população está destinado a crescer, com os órgãos internacionais acelerando seus esforços na esteira de um acordo com o FMI.²

Destinando a assistência populacional a países com as maiores populações. A U.S. Agency for International Development (USAID) está planejando dobrar sua ajuda a 17 países denominados "grandes" (Índia, Indonésia, Brasil etc.), num movimento saudado por "trazer uma base demográfica racional de volta ao programa".³

Introdução rápida de tecnologias de anticoncepcionais de longa atuação e dependentes do provedor, como o Norplant e possivelmente a nova vacina anticoncepcional, em sistemas de saúde que estão mal equipados para distribuí-los com segurança ou eticamente. Além de visar as mulheres e minimizar o controle do usuário, tais tecnologias, ao contrário dos métodos de barreira, nada fazem para proteger as mulheres de doenças sexualmente transmissíveis, especialmente o HIV. Perpetuam a noção de que a anticoncepção é responsabilidade da mulher, ampliando o negligenciamento de métodos anticoncepcionais masculinos, como a camisinha e a vasectomia.

Nova pressão sobre os governos para que removam exigências da receita médica e dispensem padrões médicos básicos para anticoncepção.



A população começa a crescer quando as pessoas são removidas de suas terras. "No passado" - recorda Vandana -, "todas as comunidades possuíam formas de decidir o número de filhos." O colonialismo é o primeiro passo na desestabilização desse equilíbrio. É significativo o exemplo da Índia: entre 1600 e 1800, a população permaneceu estável em torno de 125 milhões de habitantes. A partir da chegada dos ingleses, a população começa a crescer: 130 milhões em 1845, 175 milhões em 1855, 194 milhões em 1965, 255

nais hormonais. Por exemplo, numa carta vazada da USAID para a International Planned Parenthood Federation, a USAID critica as "barreiras médicas" para o fornecimento de anticoncepcionais hormonais, como "exames físicos excessivos (e.g., pélvico e de mama)", e por "manter o anticoncepcional oral como 'refém' de outros cuidados médicos reprodutivos (e. g., esfregaço de Pap e testes STD)...Com respeito a contra-indicações", continua a carta, "*preferimos nem mesmo usar esse termo*"..., já que "pode ter conotações muito negativas e um importante efeito inibidor." ⁴ *Marketing em massa*, tanto de marcas de anticoncepcionais quanto de mensagens neomalthusianas, através de programas sociais de *marketing*, financiamento americano de artistas populares e shows de TV e rádio do Sul, e redes de mídia através do projeto "Enter-Educate" da Universidade John Hopkins. ⁵ Isso está nitidamente de acordo com os interesses das indústrias farmacêuticas. *Coleta contínua de dados e análises* destinados a persuadir autoridades do Sul da necessidade do controle populacional. Isso se estende dos gráficos de computador e apresentações tremendamente simplistas do projeto RAPID dos Futures Group, fundado nos Estados Unidos, aos relatórios "de capa cinzenta" do Banco Mundial.

Enquanto isso, no Norte, a intensificação toma as seguintes formas:



milhões em 1971, 850 milhões em 1992. Há dois aspectos a levar em conta. Por um lado, para os despossuídos de seus sistemas de sobrevivência faz sentido multiplicar-se. Os camponeses da região do Punjab, na Índia, costumam dizer: "Os ricos têm máquinas, nós temos crianças". O segundo aspecto está mais ligado ao colapso da comunidade, do conhecimento, das possibilidades das mulheres decidirem se querem ou não ficar grávidas. Essa erosão da memória coletiva está presente no coração das sociedades indus-



Esforços caros e sofisticados de lobbies e propaganda por órgãos que lidam com população, tentando aumentar as alocações de ajuda para o controle populacional. Os governos e parlamentares europeus tornaram-se novos alvos desses esforços. ⁶ Ativistas europeus da saúde da mulher comunicam que os órgãos de ajuda de seus governos estão sob pressão para mudar suas posições relativamente progressistas sobre população para outras mais de acordo com a agenda do UNFPA e do Banco Mundial. ⁷



Construção de uma aliança entre órgãos que lidam com a questão populacional e organizações ambientalistas principais, que se aceleraram à frente da UNCED. "Devido a seu impacto difuso e prejudicial nos sistemas ecológicos globais, o crescimento populacional ameaça esmagar qualquer ganho possível obtido com a melhoria das condições de vida", proclama uma recente "Declaração de Prioridade sobre População" assinada por muitos americanos e grupos ambientalistas. ⁸ Tais mensagens, veiculadas através da mídia e redes de ativistas locais, estimulam temores racistas contra os povos do Sul e contra as comunidades de cor no Norte. Imagem da bomba populacional e sua explosão estão novamente em voga; bebês de pele escura são pintados como "bocas para alimentar", e raramente como seres humanos potencialmente produtivos. ⁹

Restrições de imigração. Nos Estados Unidos e na Europa, os imigrantes são considerados uma



ameaça à economia, ao domínio branco e até ao ambiente. Segundo Paul e Anne Ehrlich, autores de *The Population Explosion (A explosão populacional)*:

Os Estados Unidos defrontam-se com problemas sérios e complexos com imigrantes de países em desenvolvimento. A nação tem tradicionalmente declarado dar as boas-vindas aos "pobres e oprimidos" do mundo, mas infelizmente os "pobres e oprimidos" estão aumentando à razão de 80 milhões por ano. Naturalmente muitos deles gostariam de vir para os Estados Unidos ou para outro país rico, e obter o padrão de vida do americano médio (aumentando muito, no processo, seu uso dos recursos da Terra e o abuso dos sistemas de sustentação da vida).¹⁰

A solução de Ehrlich: controle da população no Sul, controle de imigração no Norte.

Controle populacional coercitivo sobre as mulheres pobres, especialmente as mulheres de cor. Nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que os direitos ao aborto estão sendo seriamente erodidos, as legislaturas estaduais consideram propostas para dar incentivos em dinheiro às mulheres sob *welfare* (pensão-desemprego) se usarem Norplant; tribunais na Califórnia e no Texas determinaram às mulheres que aceitem Norplant como uma condição para obtenção de *sursis*. Um editorial do *Philadelphia Inquirer*, importante jornal americano, sugeriu que o Norplant deveria ser usado como "um instrumento para combater a pobreza negra" e "reduzir os destituídos".¹¹



triais. "Essa lógica perversa - diz Vandana - transformou as mulheres em meras parideiras: não pensam, não fazem escolhas, não tomam decisões. Somente se multiplicam." A população começa a ser controlada quando a tecnologia reprodutiva chega e ajuda as mulheres a debelar uma série de hábitos "descontrolados" de reprodução. As mulheres são consideradas apenas corpo. Esses hábitos mudam quando a modernidade passa a fazer parte da vida das pessoas. A economista indiana Gita Sen, do DAWN, retoma



A linguagem desse editorial era tão abertamente racista, mióquina e antipobre que o jornal foi posteriormente forçado a se desculpar. *Freqüentemente, porém, a linguagem do controle populacional é mais sutil e sedutora, uma espécie de ambíguo discurso orwelliano que atua sobre as genuínas preocupações das pessoas quanto ao status das mulheres e do meio ambiente. Vista pelo lado positivo, tal linguagem representa às vezes uma genuína mudança no pensamento; pelo lado negativo, coopta e obscurece. Para evitar essa armadilha, penso que feministas e progressistas devem expor constantemente as contradições do discurso ambíguo sobre população e articular claramente suas próprias proposições, para que estas não possam ser utilizadas contra nós mesmas.*

Discurso ambíguo sobre população

Na gramática do discurso ambíguo, está em primeiro lugar o conceito de escolha. A dificuldade com tal termo é que os oponentes do aborto e da anticoncepção "artificial" fizeram com que qualquer um que apóie essas medidas parecessem pró-escolha. Assim, órgãos populacionais proclamam que estão expandindo as escolhas reprodutivas das mulheres ao desenvolverem e promoverem novas tecnologias anticoncepcionais -quanto mais tecnologias estiverem disponíveis, diz a lógica, mais escolhas terão as mulheres. Talvez o mais importante mestre dessa linguagem



o fio da discussão desde a Conferência de População (1974) em Bucareste quando o desenvolvimento foi apontado como a receita fundamental para os problemas populacionais. De lá para cá foi possível constatar que o modelo de desenvolvimento dominante destruiu e marginalizou as formas de sobrevivência de muitas comunidades. Segundo ela, não se pode ver a questão do crescimento econômico isoladamente, sem levar em conta, além das necessidades básicas da população (como o direito à educação e saúde), o

especial seja o Population Council, que desenvolveu o Norplant e está agora promovendo seu uso em países com grandes burocracias de controle de população de cima para baixo, como Indonésia e Índia. Com *input* dos ativistas da saúde da mulher, o Population Council desenvolveu pautas que soam de forma simpática aos fornecedores de Norplant em relação ao consentimento informado, respeitando a solicitação das mulheres para remoção a pedido etc.

O fato, contudo, é que tais pautas são essencialmente destituídas de sentido em programas de planejamento familiar pressionados demograficamente, onde as necessidades das mulheres nunca foram adequadamente respeitadas. São abundantes os exemplos de recusa de remoção do Norplant a pedido, assim como os de negativa de fornecimento de informação e acompanhamento de saúde adequados.¹² Será excesso de orgulho/arrogância tecnocrática, ingenuidade política, má-fé ou uma combinação dos três o que torna os órgãos populacionais tão decididos em promover o Norplant em sistemas onde a "escolha" é a última na lista de prioridades, e o controle da população o primeiro?

É interessante notar-se que uma das novas estratégias sobre população por parte do sistema é envolver grupos de mulheres e advogados da saúde na introdução e monitoramento do Norplant e de outras tecnologias novas. Referindo-se a uma série dessas reuniões na Índia, uma ativista escreve que, embora estejam ostensivamente destinadas a abrir um diálogo, o objetivo principal



que as pessoas entendem por modo de vida. "Na definição do problema populacional, o movimento de mulheres não abre mão de três fatores - sobrevivência assegurada, direitos reprodutivos e participação política. Estes três itens são inegociáveis", afirma. Os direitos reprodutivos das mulheres se inserem dentro da questão maior do desenvolvimento. Não podem, portanto, ser relegados à posição marginal dos programas de planejamento familiar.

A demógrafa brasileira Elza Berquó traz novos in-



de tais reuniões é "descobrir os argumentos (das mulheres), apropriar-se de sua linguagem e finalmente exauri-los".¹³

Embora os diálogos possam às vezes ser úteis, os grupos de mulheres devem insistir em seus próprios termos como condição para participarem. Isso deve incluir, especialmente, o direito de fazerem comunicados expressando desacordo, a serem publicados, não editados, nos relatórios oficiais dos órgãos populacionais envolvidos.

Levanta-se ainda a pergunta mais ampla: os grupos de mulheres não têm trabalho mais urgente a fazer do que monitorar a introdução de tecnologias que podem se tornar facilmente abusivas em sistemas já abusivos?

O alvo não deveria ser mudar os próprios sistemas?

É provável que as vacinas anticoncepcionais, que imunizam mulheres contra um hormônio produzido na gravidez, provêm-se médica e eticamente mais problemáticas do que o Norplant. Embora uma vacina indiana, desenvolvida por G. P. Talwar com o apoio do Population Council, do IDRC canadense e do governo indiano, tenha sido usada em apenas 180 mulheres, está sendo anunciada pela Associação de Planejamento Familiar da Índia como "segura, destituída de quaisquer efeitos colaterais e completamente reversível".¹⁴ Até a comunidade científica sabe que tais afirmações são patentemente falsas - por exemplo, muitas interrogações quanto ao impacto a longo prazo da vacina sobre o sistema imunizador e o ciclo menstrual ainda estão de pé. Há também





gredientes à análise simplista da relação população e meio ambiente. "Não há dúvida que a população é um elemento importante nesta equação que busca um equilíbrio entre o bem-estar das populações e uma harmonia global, mas não é o elemento determinante, aquele que isoladamente poderia estar colocado numa relação de causa e efeito."

Elza chama a atenção para o fato de que a aceleração do crescimento populacional nos países do Terceiro Mundo não se deu porque de

cenas de um documentário que mostram mulheres recebendo negativas a seu pedido de informação sobre a vacina em experiências clínicas.¹⁵ A vacina indiana, contudo, está sendo preparada para uso em larga escala.

Enquanto isso, o Programa de Reprodução Humana da Organização Mundial de Saúde testa também sua própria vacina anticoncepcional. Num simpósio da OMS sobre a vacina, em 1989, o presidente resumizou o debate:

Durante essa discussão, em primeiro lugar, em minha mente, estava nossa dificuldade de avaliar a urgência da crise demográfica. À medida que o impacto dessa crise aumenta, deve crescer a necessidade de métodos mais eficazes de planejamento familiar. No mínimo, o fracasso em desenvolver algo que possa fornecer uma tecnologia mais eficaz redundaria em assumir um risco grave e desnecessário.¹⁶

O que quer dizer assumir riscos graves e desnecessários com a saúde da mulher? *Escolha genuína acarreta necessariamente um poder real, não estar na ponta recebedora de um sistema destinado a controlar nosso corpo como um meio de controlar o crescimento da população do mundo.*

Outro termo-chave no discurso ambíguo sobre população é melhorar o *status* das mulheres. Até mesmo o mais intransigente malthusiano defende isso, desde que não perturbe o *status quo* de raça



repente passarmos a ter mais filhos, mas porque, a partir dos anos 50, a mortalidade começa a declinar, embora a taxa atual ainda seja elevada. A mortalidade infantil dos países em desenvolvimento é cinco vezes maior que a dos países desenvolvidos. Mas a fecundidade é declinante em grande parte dos nossos países. Até que ponto esta queda da fecundidade corresponde a uma vontade das mulheres? Pesquisas realizadas em vinte países africanos, segundo dados do Demographic and Health Service (DHS), apontam que



e classe globais, é claro. A alfabetização feminina, afinal de contas, está estreitamente ligada a taxas de nascimento mais baixas - mulheres educadas utilizam mais eficazmente o planejamento familiar.

Enquanto trombetelam seu compromisso em aumentar o *status* das mulheres, muitas dessas mesmas pessoas que nos propõem o controle populacional estão nos trazendo programas de ajuste estrutural, ceifando orçamentos de saúde e educação, dispensando trabalhadores, aumentando os preços dos alimentos e ocasionalmente estendendo algumas redes de segurança do Banco Mundial roídas pelas traças para pegar os mais pobres dos pobres. O resultado é desastroso para a saúde das mulheres e das crianças. A solução? Programas de planejamento familiar.

Miraculosamente, o planejamento familiar erguerá, de algum modo, as mulheres de seu lamentável *status*, na ausência de qualquer mudança social e econômica significativa. De fato, por que não gastar até mais do orçamento de saúde no planejamento familiar? E de modo nenhum, nas palavras do Comitê de Crise de População, organizações como a USAID deveriam "tornar difuso ou enfraquecer" o planejamento familiar "mudando para uma ampla orientação sobre a saúde reprodutiva, ou da mãe e da criança..."¹⁷.

Ironicamente, apesar de seu zelo em reduzir taxas de natalidade, os controladores de população deixam intocados muitos determinantes de alta fertilidade: a necessidade de crianças como fon-



te de mão-de-obra e proteção, alta mortalidade infantil, oportunidades econômicas limitadas para o pobre. Na Nova Ordem Mundial, até mesmo o slogan "Desenvolvimento é o melhor anticoncepcional" tem um toque revolucionário à moda antiga, como necessidades básicas, igualdade e direitos humanos.

Há ainda outra constelação de termos do discurso ambíguo, boa parte dos quais foram mencionados por outros artigos deste dossiê. O meio ambiente, por exemplo. Preservar o meio ambiente é o mais recente fundamento racional ideológico para o controle de população, ainda que as causas importantes da degradação ambiental global repousem em outra parte - nos sistemas econômicos iníquos, na agricultura, na derrubada e comércio das árvores por corporações, nos resíduos tóxicos militares e industriais, e na tecnologia inadequada. Por que os ricos estão sempre faltando no quadro neomalthusiano do ambiente? São eles tão invisíveis?

Há também a sustentabilidade, uma palavra tão facilmente manipulada que o Dr. Maurice King pôde escrever no *Lancet* que, onde haja uma pressão populacional insustentável sobre o meio ambiente, os sistemas de saúde pública não deviam reidratar oralmente os bebês pobres sofrendo de diarreia. Ele denomina sua estratégia "deixem que morram" de "Saúde num ecossistema sustentável".¹⁶ E a reação do *Lancet*? Nenhuma acusação; mais exatamente um editorial intitulado "Nada é impensável". Eu gostaria de ampliar

as intenções reprodutivas das mulheres, na África, diferem muito pouco da fecundidade real observada. Já em diversos países da América Latina, as intenções reprodutivas estão muito abaixo da fecundidade observada, ou seja, as mulheres querem menos filhos do que elas efetivamente têm. "Embora seja difícil avaliar o que é uma intenção reprodutiva, porque uma mulher pode estar vivendo num determinado momento uma situação que poderá vir a ser superada depois, as intenções reprodutivas fazem parte de um direito re-



produtivo e precisam ser respeitadas", afirma Elza Berquó, que defende um funcionamento dos serviços de saúde do Estado capaz de fazer com que as mulheres latino-americanas possam atingir sua intenção reprodutiva.

O tratamento da questão populacional envolve também uma discussão ética que foi abordada no Planeta Fêmea.

Mabel Bianco, pesquisadora da área de saúde e gênero, professora da Universidade de Buenos Aires falou da necessidade de romper pautas religi-



a definição de sustentabilidade para incluir a sustentabilidade moral. O ecofascismo malthusiano do Dr. King é moralmente insustentável. Como o são as teorias que afirmam ser a AIDS uma coisa boa, pois reduz a pressão populacional sobre o meio ambiente. Tais opiniões excedem a capacidade de sustentação, por parte da Terra, do racismo e da injustiça.

Gostaria de concluir com outro termo escorregadio: consenso. Esta é a palavra favorita do Fundo das Nações Unidas para as Atividades Populacionais, que tem orgulho do modo como forjou um consenso internacional em torno da necessidade de programas de população.¹⁹ Mas consenso de quem? Eu não sou parte do grandioso consenso do UNFPA. Homens e mulheres precisam ter acesso à contracepção segura, inclusive ao aborto. Entretanto, do modo como está sendo conduzido o planejamento familiar é destinado e implementado como um instrumento de controle populacional, mina os sistemas de saúde, transforma as mulheres em alvo, incentiva o abuso e perpetua a mentalidade do "ajuste técnico" que tem distorcido a pesquisa anticoncepcional e seu desenvolvimento, levando ao negligenciamento sistemático de métodos de barreira e de métodos masculinos, e a uma falta de preocupação com a saúde e a segurança. Não queremos aqui negar a necessidade de pesquisa anticoncepcional, mas as presentes prioridades devem mudar, precisando as mulheres ter controle sobre os processos tecnológicos antes que a pesquisa verda-





deiramente expanda "escolhas" reprodutivas. Dentro dos programas de planejamento familiar, esforços de reforma com a melhora da "qualidade de cuidado" são um passo à frente; para o pobre, entretanto, não é provável haver uma qualidade de cuidado real até que haja melhor qualidade de vida.

Finalmente, pôr a culpa da pobreza e da degradação ambiental no crescimento da população obscurece a verdadeira causa das crises globais presentes: o controle de recursos - econômicos, políticos, ambientais - nas mãos de uma elite internacional cada vez mais estreitamente ligada entre si.

Há dois séculos, Thomas Malthus apresentou a seguinte análise:

"A causa principal e mais permanente da pobreza tem pouca ou nenhuma relação direta com as formas de governo, ou com a divisão desigual da riqueza; e já que o rico, na realidade, não detém o poder de encontrar emprego e manutenção para o pobre, o pobre não pode, dentro da natureza das coisas, ter o direito de exigí-los; são verdades importantes fluindo do princípio de população..."²⁰

Na Nova Ordem Mundial, a essência do controle de população continua sendo esse simples imperativo político.





posição do aborto, mas pela defesa do aborto para aquelas que acham que devem tomar esta decisão. Para as que consideram, em virtude de razões filosóficas, religiosas ou quaisquer outras, que não devem realizar um aborto, esse direito deve ser assegurado. Queremos que as diferenças possam expressar-se".

Desde a década de 70, o aborto é uma reivindicação do movimento de mulheres, sempre vinculado a um projeto mais amplo de saúde e direitos reprodutivos. Ao mesmo tempo em que

Fortes, Fracos e Feridos: uma triagem inaceitável

Vandana Shiva

Pensávamos ter sepultado, na década de 1970, o debate sobre a "relação entre meio ambiente e população", como é eufemisticamente denominado.

Quando os Ehrlichs¹ e outros ecologistas começaram a falar sobre a "bomba populacional" e a "explosão populacional", no início do movimento ambientalista, ecologistas mais realistas rapidamente destacaram que a verdadeira pressão por recursos nesta terra não vinha do grande número de pobres. Números em forma de estatísticas e degradação de recursos em forma de impacto não podiam ser vinculados linearmente. O movimento ambientalista - pelo menos os que, como nós, trabalhavam com ele do ponto de vista da justiça - realmente pensava que tal debate fora tão completamente esclarecido que jamais se levantaria de novo. Uma coisa que aprendemos então é que o fascismo nunca dorme permanentemente. Em qualquer momento oportuno, ele criará o tipo de receita que considera natural para a manutenção do poder.

A idéia de que a degradação do meio ambiente significa escassez de recursos é algo que tem penetrado na mente de todos: nas vítimas que se tornam mais pobres através dela e nos perpetradores que percebem não poderem mais manter



se defende o direito à interrupção da maternidade, compreendida como um exercício de escolha que supõe o engajamento biológico, psicológico e existencial da mulher, reivindica-se também o direito à maternidade, à atenção pré-natal e ao tratamento da cura da infertilidade. Francis Kissling, escritora, presidente da organização Católicas pelo Direito de Livre Escolha, tesoureira do Global Fund for Women, sugeriu alguns princípios que são consenso entre as feministas: as mulheres devem ser sujeitas e não objetos de



privilégios da mesma magnitude - se as coisas continuarem. O que podemos fazer se 20% da população do mundo está usando 80% dos recursos mundiais e a base de recursos está encolhendo? Bush diz que temos que lutar para proteger o estilo de vida americano. Tal estilo de vida parece sagrado. Isso significa que é preciso tirar ainda mais dos que detêm apenas 20% dos recursos, a fim de se continuar a obter 80%, enquanto os recursos estão se exaurindo no mesmo nível que antes.

A triagem como solução

Se os estilos de vida têm que ser mantidos, a única solução é a *triagem* (determinação de prioridades). Trata-se de um preceito militar para dividir pessoas em guerra em três categorias: os fortes, os fracos e os feridos. Só aos fortes se permite sobreviver, matando-se os fracos e os feridos, pois serão um fardo para os outros. Nos primeiros tempos das discussões sobre população e recursos, na década de 1970, houve gente receitando essa solução em termos literais, dizendo que a única maneira do planeta ou bote salva-vidas Terra sobreviver era na base da *triagem*.

A filosofia da *triagem* é, fundamentalmente, um pensamento que surge dos conservacionistas extremamente sinceros, profundamente comprometidos a proteger o planeta. Não compreendem muita coisa a respeito das pessoas nem do planeta que na verdade sustenta as pessoas.



suas próprias vidas. Estão aptas a decidir sobre sua reprodução. "É preciso rejeitar enquanto feministas o fato de que alguém se arvora ao direito de decidir ou limitar o acesso legal das mulheres, sob justificativa de que conhece melhor do que elas suas necessidades."

É justo limitar as escolhas das mulheres em situações em que se constatarem abusos, como no caso da esterilização no Brasil? Devemos proibir a esterilização? Devemos recorrer ao Estado para proteger as mulheres? São questões colocadas

A expressão "capacidade de sustentar"

A maioria das opiniões que se originam dos conservacionistas está vinculada a uma expressão denominada "capacidade de sustentar": "Quantas pessoas pode a Terra sustentar?" Penso ser essa uma falsa questão, e o é por duas razões. Primeiro, as populações não se distribuem pelo planeta de modo uniforme. Na Índia, por exemplo, há regiões intensivamente habitadas, como o Delta do Ganges, onde os ecossistemas permitem um povoamento intenso. Nas áreas secas e áridas, contudo, há populações extremamente dispersas. Devido à sua diversidade, é impossível avaliar o número adequado de pessoas para o planeta como um todo. Avaliações semelhantes só podem funcionar levando-se em conta o tipo de capacidade ecológica de um sistema particular. Isso se aplica a todas as espécies.

A segunda razão impedindo que a noção de capacidade de sustentar funcione é o fato da relação entre humanos e recursos ter sido truncada à época da revolução industrial. Por isso, tal relação é diferente da que existe entre as comunidades animais e os recursos. No entanto, é usada por biólogos e conservacionistas numa extrapolação para a sociedade humana. Esse truncamento começou com o que é denominado de "*enclosure of the commons*" ("Fechamento das terras comuns").

O "enclosure of the commons"

Essa denominação significava basicamente os



por Kissling que acredita na instituição de penas severas para os abusos e coerções no que diz respeito ao aborto, à esterilização e à contracepção.

A ética da escolha requer que cada mulher possa exercer essa liberdade mesmo que as possibilidades sejam limitadas ou que se possa incorrer em erro. "Não somos nós que vamos determinar o que é errado ou certo em algo tão profundo quanto a reprodução."

Edna Roland concorda em que a liberdade sobre



recursos originalmente compartilhados por todos, e que foram depois açambarcados pelos ricos e poderosos. Os senhores das herdades apossaram-se de tais recursos nos séculos 15 e 16, na Inglaterra, quando a revolução industrial levou a um aumento da demanda de matérias-primas, especialmente lã. Os rebanhos de ovelhas tiveram que ser aumentados, sendo as pessoas empurradas para fora da terra para que a matéria-prima industrial da lã alimentasse o sistema fabril. O que sustentava o povo tornara-se uma base de sustentação para a indústria. Os campos que alimentavam as comunidades pobres - os camponeses - passaram a ser oferecidos como pastos às ovelhas. Textos desses tempos exibem frases como "as ovelhas devoram os homens".

A transição dos *enclosures of the commons* envolveu uma transmutação paralela no significado do termo "recurso" (*resource*). No sentido original, é "aquilo que surge novamente", enquanto que na terminologia industrial tornou-se "aquilo que é valioso como matéria-prima".

Quando as pessoas são expulsas da terra (ou de qualquer outro suporte da natureza), daí derivam duas implicações importantes. Primeiro, o vínculo entre as pessoas e os recursos deixa de existir, e a noção da capacidade de sustentar torna-se inútil. Não é mais permitido à Terra sustentar as pessoas do modo como, ecológica e biologicamente, costumava fazê-lo nos *commons*. Segundo, esse truncamento modifica as pessoas ontologicamente no sentido real. Para o capitalismo e o industrialismo, pessoas deslocadas removidas de seus *commons* são unicamente mais um fator no



o controle do próprio corpo é uma parte essencial da nossa liberdade e da nossa autodeterminação. Mas, explica Edna, como não somos apenas o nosso corpo, mas, também, as nossas relações com os outros, temas que reivindicar, para além do controle sobre o nosso corpo, o controle sobre a nossa própria vida. "Isso implica assumirmos responsabilmente a tarefa de interferir sobre questões que estão além de nossa vida individual, colocando-nos na perspectiva da comunidade a que pertencemos. A partir daí é que se-

processo de produção. São apenas mais um *input*. Estão agora reduzidas a mão-de-obra. Quem provavelmente melhor escreveu e de forma mais esclarecedora sobre o significado dessa transição foi Marx. Ainda penso assim, embora digam que o "Oriente" está morto.

Desenvolvimento e população excedente

Quando as pessoas são reduzidas a mão-de-obra, e a tecnologia do capital intensivo desloca tecnologias anteriores em todos os pontos de evolução da sociedade industrial, há rupturas nas quais parte da população se torna excedente. Concorro em que os números estejam crescendo no Terceiro Mundo de modo dramático. Entretanto, mesmo nos campos agrícolas norte-americanos, esparsamente povoados, há dois milhões de agricultores excedentes, segundo o programa agrícola americano de 1985. Os pequenos agricultores foram considerados excedentes porque a lógica do grande negócio agrícola os via como um bloqueio à expansão das fazendas unidas em corporação. Num determinado nível, na economia global, é isso que acontece aos povos do Terceiro Mundo em todas as épocas. Para os centros de poder do capital, nem nossa natureza é natureza nem nossos povos são povos. Ambos são recursos no sentido de matéria-prima - no sentido de *inputs*. O que está além do *input* utilizável é excedente.

Na verdade, não há uma resposta ecológica sim-



mos capazes de formular uma nova ética que possa orientar os nossos destinos e as nossas vidas."

A partir da lógica perversa dos que estão nos centros do poder - denuncia Edna -, os rejeitados devem ser contidos, eliminados, impedidos de se reproduzirem. Para isso, dispõe-se de toda uma complexidade de mecanismos de controle, que incluem a fome; o analfabetismo; o extermínio deliberado de crianças e adolescentes nas grandes cidades brasileiras; a este-



ples sobre a quantidade de pessoas que constituiria um número excessivo. Conservacionistas de mente estreita levantam essa questão o tempo todo, achando que podem respondê-la. E realmente encontram respostas. Jacques Cousteau afirmou, no UNCED, que o crescimento populacional descontrolado é o mais importante problema ambiental.

O que significa o termo "descontrolado"? Na verdade, o que significa explosão populacional em termos de ponto de vista? Sugere basicamente que as mulheres são procriadoras biológicas inconscientes. Nunca tomam decisões, nunca pensam, nunca escolhem. Apenas continuam a multiplicar suas proles. Além disso, a pressuposição é de que a população começa a ficar controlada quando a medicina moderna entra em cena e põe-se a ajudar as mulheres, colocando um certo bom senso nos descontrolados hábitos femininos de procriação.

Há duas pressuposições básicas sobre o que são as mulheres desse ponto de vista. A primeira é de que são meros corpos - suas mentes estão alhures. Nada poderia ser mais distanciado da verdade; todas nós sabemos que temos mentes, e as usamos.

Colonialismo e "explosão populacional"

A segunda pressuposição é de que as tendências populacionais mudam de acordo com a entrada



...a utilização forçada ou induzida de consideráveis contingentes de mulheres em nosso país e em outras regiões da América Latina; o uso de drogas, que em determinados momentos históricos espalha-se de forma incompreensível entre certos grupos populacionais e parece impossível de ser controlado; as chamadas doenças da pobreza, causadas pela ausência de condições mínimas de saneamento nos países do Terceiro Mundo; e, finalmente, a força militar, através da qual é possível conter populações ou deslocá-las espacialmente."

da medicina ocidental moderna no quadro. Entretanto, a curva de "explosão" exponencial ocorre precisamente quando o modernismo entra como demolidor dos *enclosures of the commons*. O modernismo - ou desenvolvimento - no Terceiro Mundo significa a aquisição dos *commons* que sustentam as pessoas. Os *commons* são transformados em mercadorias e as pessoas são postas a serviço da indústria. Isso é desenvolvimento.

A transformação dos *commons* em mercadorias significa basicamente remover das pessoas seus direitos aos recursos e de derivar sua sobrevivência dos recursos. Ao contrário das expectativas, a população começa a aumentar nesse exato momento. Todas as comunidades do mundo, por mais primitivas que tenham sido chamadas, dispõem de meios auto-reguladores para decidir quantas crianças terão na geração seguinte.

Pode-se ler o efeito desestabilizador do colonialismo e do modernismo nas estatísticas indianas. Em 1600, a população da Índia girava entre 100 e 125 milhões. Por volta de 1800, era a mesma. Contudo, depois que os britânicos chegam para colonizar a Índia, no final do século 18, o impacto começa a aparecer: 130 milhões em 1845, 175 milhões em 1855, 194 milhões em 1865, 255 milhões em 1871, 850 milhões em 1992.

Esse desdobramento apresenta as seguintes consequências:

Primeiro, que, para pessoas deslocadas de seus sistemas de sustentação de vida e transformadas em mão-de-obra assalariada a ser vendida no



Em contraposição a esta ética, segundo Edna, surge a possibilidade de pensarmos uma ética a partir do próprio lugar de rejeição. Este é o grande desafio que se coloca para as mulheres. "Seremos capazes de produzir uma outra ética, uma nova possibilidade de vida neste planeta, enfrentando a correlação de forças extremamente desfavorável no momento?"

Quando Rosa Parks, em 1955, num ônibus no Estado de Alabama, negou-se a se levantar do banco onde estava sentada e dar seu lugar a um



mercado, faz economicamente sentido multiplicar-se. Como disse um camponês do Punjab: "Os ricos podem comprar máquinas, nós só podemos ter filhos."

A segunda consequência é algo que diz consideravelmente respeito às mulheres: o colapso da comunidade. Isso envolve o colapso de conhecimento e capacidades - da capacidade de saber o que precisa ser feito pelas mulheres; decidir se elas terão filhos ou não. Esse apagamento da memória coletiva sobre as decisões é provavelmente mais conspicuo nos corações da sociedade industrial, sendo mais visível nos centros das cidades americanas do que em qualquer outra parte. Ali, os mais críticos casos médicos de emergência que ocorrem são de meninas de doze e treze anos. O fato de as meninas ficarem grávidas aos treze anos sem saber que estão grávidas é parte do total colapso do conhecimento - da mente sendo assassinada por uma determinada cultura patriarcal.

A divisão entre os consumidores e a população

O industrialismo - outro nome para o patriarcado capitalista - divide as pessoas em duas categorias: consumidores e produtores, supondo que podemos pertencer apenas a um dos grupos. Os cálculos do PIB (Produto Interno Bruto) são baseados em tal suposição. A pressuposição central dos cálculos nacionais é de que, se as pessoas





consumem o que produzem, elas não produzem. Assim, qualquer produção auto-sustentadora, automantenedora e autoprovvedora não é tratada como produção. É essa separação entre produção e consumo que divide o Terceiro Mundo em populações e o Primeiro Mundo em consumidores.

Acredito que as mulheres do Norte estão produzindo invisivelmente. E produzem uma quantidade considerável de todos os serviços e bens que mantêm a sociedade em movimento. As mulheres escandinavas calcularam que, mesmo hoje, 90% da energia econômica é despendida pelas mulheres. Não que não sejam produtoras. Mas não o são dentro do mercado. Quando uma mulher cozinha em casa, não está contribuindo para o PIB, mas quando atravessa a estrada e cozinha para outro homem, com quem não é casada, aumenta o PIB.

Na divisão entre consumidores e populações, as mulheres do Norte se tornam consumidoras, não produtoras. Por outro lado, as mulheres no Terceiro Mundo foram transformadas em populações - não em produtoras. Tal divisão foi exibida na Eco-92. Quando os Estados Unidos decidiram eliminar o consumo na Quarta Comissão Preparatória, os governos do Sul responderam ameaçando eliminar o capítulo sobre população. O consumo é o resultado do que as potências industriais fazem às pessoas como suas vítimas. Tem algo a ver com mercadorias, e nada a ver com pessoas. É o vínculo entre diferentes tipos de pessoas. E trans-



branco, passando para a parte de trás do veículo, ela mostrou a possibilidade que se oferece a cada um de nós de recusar a lógica de determinadas relações de opressão que se dão em nossas vidas. A recusa dos que se encontram atualmente rejeitados pode se expressar de inúmeras maneiras. Por exemplo: a recusa de determinados modelos de família que pretendem nos impor a partir de necessidades que eventualmente não são as nossas. Edna reconhece, contudo, que a possibilidade de uma ética produzida a



formar isso numa troca entre bens materiais e vidas humanas não faz realmente muito sentido. Embora seja verdade que a pobreza do Sul, em termos muito literais, signifique que as pessoas consomem bem menos do que deveriam, até mesmo os consumidores individuais do Norte, em coisas básicas, não podem consumir demais. Não se pode comer além de uma determinada quantidade no jantar. Entretanto, conseguir um prato de comida para o jantar pode devorar uma grande parte do planeta. E esse "consumo" não é feito por indivíduos enquanto consumidores. É feito pelo grande negócio agrícola. Se não fizermos entrar no quadro a cadeia tecnológica e comercial invisível, as pessoas do Sul e do Norte estarão tentando formular: qual é a verdadeira pressão sobre o planeta? A verdadeira pressão sobre o planeta é uma lógica econômica que se empenha em encontrar modos de fazer as coisas simples e comuns da maneira mais terrivelmente perdulária, a fim de que possa ocorrer o acúmulo de capital.

Produção e comércio internacional

Tomemos o caso da engenharia genética dos tomates. Se os tomates são produzidos a quinze quilômetros do Brasil, não há necessidade de utilizar-se essa engenharia para que o fruto nunca amadureça. Mas se se quiser obter tomates da Colômbia para enviá-los à Europa, desejando-se



partir do lugar da rejeição apresenta-se como uma utopia. "Significa acreditar numa coisa que os nossos olhos não podem ver." Do ponto de vista da lógica vigente, é praticamente nula a chance de transformarmos o mercado internacional, no sentido de uma volta a uma produção e a um consumo que atenda às necessidades humanas e não às colocadas pelo mercado capitalista. No entanto, esta utopia é mais do que necessária: "Só seremos capazes de mudar estas relações de rejeição se formos capazes de

mantê-los nas prateleiras colombianas por oito meses, então utiliza-se a engenharia para remover o gene que permite o amadurecimento do produto. Não sei o que isso significa em termos de regeneração do tomate, mas algo de sério está acontecendo.

A lógica que diz que você produz o que vende no mercado (e isso se aplica a indivíduos, sociedades, lares, comunidades e países) conduz ao fato de que o comércio internacional se torna o único sistema de produção. Daí a necessidade de que o livre comércio seja reforçado pelo General Agreement on Trade and Tariffs (GATT). Foi o fato de a maioria da produção ter passado a não ser computada como produção que ficamos com um mundo dividido entre o grande negócio agrícola como produtor, nós como população e os povos do Norte como consumidores. São de tais categorias que realmente precisamos irromper e escapar, na minha opinião.



Conclusão

A impressão é de que, a cada vez que a sociedade humana chega a uma espécie de beco sem saída quanto às opções preferidas das culturas dominantes, ela tenta formular essas crises centrando todos os conflitos nos corpos das mulheres. Aconteceu na época da revolução industrial, com a caça às bruxas. Penso que devemos ver, à mesma luz, a tenaz perseguição às mulhe-

NÓS, AS MULHERES DO FÓRUM GLOBAL, realizado no Rio de Janeiro de 3 a 14 de junho de 1992,

MANIFESTANDO-NOS por milhões de mulheres que sofrem iniquidades diárias como a violência da degradação ambiental, pobreza, racismo, informações deturpadas, heterossexismo compulsório, exploração de seu trabalho através da total não avaliação desse como mão-de-obra ou por sua avaliação desigual, e violência contra seus corpos;

REIVINDICANDO a autoridade que nos é dada pelas mencionadas experiências, por nossa representação como mais de 50% da população do mundo e por nossa especial responsabilidade pelo sustento e continuidade da vida;

ATERRADAS com o fracasso dos governos do mundo de se dirigirem às verdadeiras causas da crise planetária ou chegarem a um acordo sobre as ações urgentes necessárias para salvar nosso planeta;

EQUIPARANDO a falta de vontade política ou individual entre os líderes mundiais à sua falta de valores básicos morais e espirituais, e a uma ausência de responsabilidade em relação aos povos que representam e às futuras gerações;

ULTRAJADAS de que a agenda da UNCED tenha ignorado que alguns dos fatores mais críticos contribuindo para a degradação ambiental e dos povos sejam sistemas econômicos e militares que usam mecanismos como dívida, comércio e ajuda, e excessos militares como



Declaração das Mulheres no Fórum Global

testes nucleares, que exploram e utilizam mal a natureza e os povos;

CONVENCIDAS de que os atuais padrões cultural e economicamente materialistas e consumistas estabelecidos pelos países do Norte são destrutivos e ocasionaram a falência de nossos povos e do planeta, e opondo-se a quaisquer pressões adicionais sobre os países do Sul para que adotem tais padrões;

ACREDITANDO que um meio ambiente saudável e sustentável depende de um mundo de paz, respeito pelos direitos humanos de todos à sobrevivência, democracia participativa sem medo de repressão, autodeterminação dos povos em todos os níveis e em suas localidades, valorização da integridade e autonomia dos povos indígenas e a proteção de todas as espécies;

COMPROMETEMO-NOS a implementar a Agenda 21 de Ação das Mulheres adotada em Miami entre 8 e 12 de novembro de 1991 em nosso interesse, no de nossas famílias, comunidades e planeta, agora e no futuro;

APELAMOS A TODOS OS POVOS para se unirem nessa convocação pela urgente e profunda transformação dos valores que nos levaram a essa crise planetária e

EXORTAMOS OS CHEFES DE GOVERNO que participaram da ECO-92, realizada no Rio de Janeiro de 3 a 14 de junho de 1992, a comprometerem-se e a seus governos numa real implementação da Agenda 21 de Ação das Mulheres.

Empenhamos nosso compromisso com o fortalecimento das mulheres, a força central e poderosa em busca de um meio ambiente seguro, de justiça econômica e social, de um realocamento equitativo de recursos, da sobrevivência de todas as espécies, assim como com nosso objetivo comum de um planeta saudável no qual futuras gerações possam florescer.

A participação e o papel das mulheres - metade da população do mundo - são indispensáveis na condução da vida diária e na elaboração política, da comunidade aos níveis nacional e internacional. Por toda a parte, mulheres são iniciadoras e catalisadoras do ativismo ambiental e desenvolvimentista. Contudo, sua virtual exclusão da liderança e a desatenção quanto a suas necessidades e pontos de vista estão entre os principais fatores responsáveis pela degradação ambiental, o aumento da pobreza, o militarismo difuso e a violência contra as pessoas e a natureza.

As perspectivas, valores, habilidades e experiências das mulheres devem integrar a liderança e o planejamento político numa igualdade com os homens, se pretendemos conquistar a segurança global.

Como ativistas em organizações não-governamentais, comprometemo-nos a exigir e trabalhar por uma participação igual de mulheres e homens nas análises da política pública, nos níveis mais elevados, nos governos, nas ONGs, nas tomadas de decisão, na implementação, administração e financiamento em todos os níveis. O equilíbrio dos sexos deve ser ob-



***Pacto Global das
Mulheres pelas
ONGs buscando um
Planeta Justo e
Saudável***

servado nas atividades da ECO-92, nos corpos administrativos e na elaboração política pós-Rio; nas missões permanentes dos Estados-membros da ONU; na equipe profissional do Secretariado da ONU; no Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e programas e órgãos especializados da ONU. Todos os organismos, agências e governos nacionais da ONU devem aumentar o financiamento para prover mulheres e crianças de uma parcela mais justa.

A fim de promover as ações e políticas necessárias para assegurar a equidade para mulheres, nós, como ONGs, comprometemo-nos a integrar em nossa consciência e trabalho as exigências da Agenda 21 de Ação das Mulheres adotada no Congresso Mundial de Mulheres para um Planeta Saudável, na Assembléia Global das Mulheres e no Primeiro Simpósio de Mulheres e Crianças realizado em 1991.

Exortamos todas as ONGs e todos os governos para que cumpram as exigências, onde forem necessárias, das Estratégias Antecipatórias para o Avanço das Mulheres (aprovadas por uma Assembléia Geral em 1985), de Nairóbi, e, se ainda não o fizeram, que ratifiquem e implementem a Convenção da ONU sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres, a Convenção da ONU sobre os Direitos Humanos e a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança.

Afirmamos que erguer o *status* social, econômico, político e de saúde das mulheres requer políticas e ações que lhes assegurem um igual acesso à educação, informação, salários justos, condições de traba-

lho seguras, direitos à terra e à herança, ao crédito, à tecnologia apropriada, a produtos de consumo benéficos ao meio ambiente, a cuidados com a saúde e ao controle de seus próprios corpos.

Afirmamos que os direitos reprodutivos das mulheres devem incluir liberdade, livre de coerção ou penalidades em decisões tão profundamente pessoais como se terão filhos, quando isto se dará e quantos serão. Elas devem ter acesso a serviços de saúde e de planejamento familiar, assim como direito aos cuidados pré-natais, ao planejamento familiar seguro, legal e voluntário, a anticoncepcionais, aborto, educação sexual e informação. Os serviços de apoio devem incluir completo acesso aos serviços de planejamento familiar para ho-



mens, cuidados com a criança e licença parental.

Como membros das ONGs, e como homens e mulheres, afirmamos nossa crença de que um meio ambiente saudável e sustentável está condicionado à paz mundial e ao fim do militarismo; ao respeito dos direitos humanos e à democracia participativa; a uma redistribuição mais justa da riqueza do mundo que ponha um fim aos desproporcionados padrões de consumo dos ricos através do globo; à autodeterminação dos povos e ao respeito pelos povos indígenas, suas terras, culturas e tradições; e a um esforço comum global para proteger e restaurar nossa herança natural.

Preparado pelo WEDO - Women's Environment and Development Organization